



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA MESTRADO**

Antônio Diego Santos da Cunha

**A CAMINHO COM JESUS RESSUSCITADO:
UMA LEITURA HERMENÊUTICO-ECLESIAL DE Lc 24,13-35**

ANTÔNIO DIEGO SANTOS DA CUNHA

**A CAMINHO COM JESUS RESSUSCITADO:
UMA LEITURA HERMENÊUTICO-ECLESIAL DE Lc 24,13-35**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Teologia, com o apoio da Bolsa CAPES, disponibilizada pela mesma instituição.

Área de Concentração:

Teologia Sistemático-Pastoral

Linha de Pesquisa:

Hermenêutica Bíblica e Teológica

Orientador:

Prof. Dr. Cláudio Vianney Malzoni

- C972c Cunha, Antônio Diego Santos da.
A caminho com Jesus ressuscitado : uma leitura hermenêutico-eclesial de Lc 24,13-35 / Antônio Diego Santos da Cunha, 2024.
87 f.
- Orientador: Cláudio Vianney Malzoni.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia. Mestrado em Teologia, 2024.
1. Bíblia. N.T. Lucas - Crítica, interpretação, etc.
 2. Jesus Cristo - Ressurreição. 3. Hermenêutica (Religião).
 4. Teologia dogmática. I. Título.

ANTÔNIO DIEGO SANTOS DA CUNHA

**A CAMINHO COM JESUS RESSUSCITADO:
UMA LEITURA HERMENÊUTICO-ECLESIAL DE Lc 24,13-35**

Dissertação de Mestrado em Teologia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Aprovada em 27 de junho de 2024

BANCA EXAMINADORA

Cláudio V. Malzoni

Prof. Dr. Cláudio Vianney Malzoni
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)
Orientador

Rita Maria Gomes

Profa. Dra. Rita Maria Gomes
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)
Leitora interna

Jurandir Ferreira Dias Júnior

Prof. Dr. Jurandir Ferreira Dias Júnior
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Leitor externo

AGRADECIMENTOS

Enquanto autor da presente dissertação gostaria de expressar nesta página minha gratidão a todos e todas que colaboraram, direta ou indiretamente, para a elaboração deste trabalho.

Agradeço primeiramente a Deus, que me chamou à vida e à vocação presbiteral, à Bem-Aventurada Virgem Maria, que sempre intercedeu por mim, e a São Lucas, autor da perícopes dos discípulos de Emaús, meu evangelista preferido, que também me inspirou com tão belo texto bíblico.

Agradeço também à minha família, especialmente aos meus pais, meu irmão e demais familiares, sempre presentes em minha vida. Aos meus amigos, colegas do mestrado, paroquianos e irmãos no sacerdócio, pela presença amiga e pelo incentivo, tanto nos momentos de alegria, quanto nos momentos de dificuldade.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco, aos meus queridos professores e, de modo particular, ao Prof. Dr. Cláudio Vianney Malzoni, meu orientador na monografia da graduação em Teologia e agora também na dissertação do mestrado em Teologia. Agradeço aos professores avaliadores, Profa. Dra. Rita Maria Gomes (avaliadora interna) e ao Prof. Dr. Pe. Jurandir Ferreira Dias Júnior (avaliador externo).

Por fim, agradeço à Universidade Católica de Pernambuco, na pessoa do Magnífico Reitor, Prof. Dr. Pe. Pedro Rubens Ferreira de Oliveira, SJ. Tenho um grande apreço por essa querida instituição, na qual me graduei em Teologia no ano de 2014 e agora tenho a alegria de receber o título de mestre em Teologia.

"Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?" (Lc 24,32).

RESUMO

O presente trabalho tem como tema principal a experiência que Cléofas e o outro discípulo tiveram com Jesus Ressuscitado a caminho de Emaús. Trata-se de um estudo sobre a importância e sobre a influência da experiência da ressurreição de Jesus na Igreja primitiva e nos tempos atuais. Quanto à natureza, trata-se de uma leitura hermenêutico-ecclesial de Lc 24,13-35. Desse modo, o objetivo é apresentar um estudo da perícopa dos discípulos de Emaús do ponto de vista da hermenêutica bíblica e nos marcos de uma hermenêutica ecclesial. Quanto à metodologia, usa-se a pesquisa bibliográfica, na busca da mensagem apresentada no referido texto lucano, a partir da consulta a obras impressas e digitais de vários autores que trabalharam o tema. Como resultados, o presente trabalho alcançou uma pertinente reflexão acerca da experiência com o Ressuscitado, que pode ser aplicada à vida ecclesial. As considerações finais fazem um resumo de toda a obra, incluindo as percepções e as conclusões alcançadas ao longo da construção do trabalho.

Palavras-chave: Discípulos de Emaús; Evangelho segundo Lucas; Hermenêutica ecclesial.

ABSTRACT

The main theme of this work is the experience that Cleopas and the other disciple had with the risen Jesus on the road to Emmaus. It is a study of the importance and influence of the experience of Jesus' resurrection in the early Church and today. Innature, it is a hermeneutic-ecclesial reading of Lk 24:13-35. The aim is to present a study of the pericope of the disciples of Emmaus from the point of view of biblical hermeneutics and within the framework of ecclesial hermeneutics. As for the methodology, bibliographical research is used in the search for the message presented in the above-mentioned Lucan text, based on consultation of printed and digital works by various authors who have worked on the subject. As a result, this work has produced a pertinent reflection on the experience of the Risen Lord, which can be applied to ecclesial life. The final considerations summarize the whole work, including the perceptions and conclusions reached during the construction of the work.

Keywords: Disciples of Emmaus; Gospel according to Luke; Ecclesiastical hermeneutics.

ASTRATTO

Il tema principale di quest'opera è l'esperienza che Cleopa e l'altro discepolo ebbero con Gesù risorto sulla strada di Emmaus. È uno studio sull'importanza e l'influenza dell'esperienza della risurrezione di Gesù nella Chiesa primitiva e oggi. Si tratta di una lettura ermeneutico-ecclesiale di Lc 24,13-35. L'obiettivo è presentare uno studio della pericope dei discepoli di Emmaus dal punto di vista dell'ermeneutica biblica e nel quadro dell'ermeneutica ecclesiale. Dal punto di vista metodologico, per la ricerca del messaggio presentato in questo testo lucano viene utilizzata la ricerca bibliografica, basata sulla consultazione di opere a stampa e digitali di vari autori che si sono occupati dell'argomento. Il risultato di questo lavoro è una riflessione pertinente sull'esperienza del Risorto, applicabile alla vita ecclesiale. Le considerazioni finali riassumono l'intero lavoro, comprese le percezioni e le conclusioni raggiunte durante la costruzione dell'opera.

Parole chiave: Discepoli di Emmaus; Vangelo secondo Luca; Ermeneutica ecclesiastica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 APRESENTAÇÃO DO TEXTO	14
2.1 O TEXTO E SUA DELIMITAÇÃO	16
2.1.1 Os Dois Discípulos de Emaús: O Texto Traduzido.....	16
2.1.2 Delimitação da Perícopes	17
2.2 Estruturação do Texto.....	19
2.3 Crítica Textual	21
2.4 O Texto e seu Contexto	23
2.4.1 O Contexto Amplo.....	24
2.4.1.1 Características e particularidades do Terceiro Evangelho	25
2.4.2 O Contexto Próximo	29
2.4.2.1 <i>O sepulcro vazio. Mensagem dos anjos. Os apóstolos recusam o testemunho das mulheres. Pedro junto ao sepulcro (Lc 24,1-12)</i>	29
2.4.2.2 <i>Jesus aparece aos apóstolos (Lc 24,36-43)</i>	30
2.5 ANÁLISE NARRATIVA.....	31
2.5.1 Determinar o Enquadramento do Relato	31
2.5.2 Diferenciar Narração e Discurso	32
2.5.3 O Plano Narrativo	33
2.5.4 O Tipo do Plano.....	34
2.6 ANÁLISE SEMÂNTICA.....	35
2.7 SÍNTESE DE UNIDADE.....	45
3. HERMENÊUTICA ECLESIAL DO TEXTO	47
3.1 LEITURA ECLESIAL	47
3.1.1 Aspectos Sinodais de Lc 24,13-35.....	48
3.1.2 Implicações para a Vida Eclesial.....	49
3.1.3 Caminhos Possíveis para a Renovação Eclesial	50
3.1.4 Aspectos Sinodais e Missão	52
3.1.5 Sinodalidade na Vida e Missão da Igreja.....	53
3.2 LEITURA CATEQUÉTICA	55
3.2.1 Jesus: O Grande Catequista de Emaús.....	56
3.2.2 Os Discípulos: Os Catequizandos de Emaús	56
3.2.3 Aspectos Catequéticos de Emaús na Vida Eclesial Atual	59
3.2.4 Uso da Bíblia na Catequese	60
3.2.5 A Bíblia e a Catequese Renovada.....	62
3.3 LEITURA EUCARÍSTICA.....	64
3.3.1 Aspectos Eucarísticos no Relato de Emaús	65
3.3.2 Experiência com o Ressuscitado no Partir do Pão.....	66

3.3.3 O Banquete de Emaús: Pão da Palavra, Pão da Eucaristia e Pão da Caridade	67
3.4 SÍNTESE DA UNIDADE	71
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS	82

1 INTRODUÇÃO

A ressurreição de Jesus é um dos acontecimentos mais impactantes da história religiosa mundial. Ao longo dos séculos, a experiência com o Ressuscitado motivou a Igreja a superar o medo dos perseguidores. Nesse contexto, foi escolhido para a presente dissertação o seguinte título: “A caminho com Jesus Ressuscitado: uma leitura hermenêutico-ecclesial de Lc 24,13-35”. Na versão lucana do Evangelho, há outras perícopes que narram manifestações de Jesus Ressuscitado; todavia, será destacada aquela do encontro de Jesus com os discípulos a caminho de Emaús (Lc 24,13-35).

O relato dos discípulos de Emaús é um dos mais importantes e conhecidos acerca das manifestações de Jesus Ressuscitado. O caminho percorrido pelos discípulos de Emaús com o Ressuscitado, que, no primeiro momento, não foi reconhecido, é igualmente o caminho da Igreja, o de sua história através dos séculos, que aparece refletida no relato. Além da experiência com o Ressuscitado, percebem-se também, referidos claramente no texto, o convite de Jesus à vivência de aspectos sinodais, ou do que hoje é assim chamado, seu ensino das Sagradas Escrituras, e, no partir do pão, a Eucaristia, tudo isso levando ao reconhecimento de Jesus, por parte dos discípulos ao final do relato.

Quando tal experiência é relacionada com a vida pastoral da Igreja, um novo sentido é dado a essa vida pastoral, provocando uma espécie de ressurreição ecclesial. Em outras palavras, a experiência dos discípulos com o Ressuscitado permanece muito presente hoje na caminhada da Igreja. Em um tempo no qual se fala tanto de sinodalidade, apesar de no texto não existir uma experiência sinodal como se entende hoje, pode-se dizer que há um relato, que serve de metáfora inspiradora para a sinodalidade ecclesial atual.

Essa comparação do testemunho lucano da ressurreição com a vida pastoral da Igreja deve proporcionar uma nova hermenêutica, levando-a do conceito à prática. Quando se fala de fé, corre-se o risco de ficar muito no conceito (teoria). Nesse contexto, é preciso passar para a prática. Afinal, como a Carta de Tiago diz “Assim também a fé, se não tiver obras, está completamente morta” (Tg 2,17).¹ Em outras palavras, a fé, que se relaciona com o transcendente, deve também se relacionar com o imanente.

¹ As citações bíblicas nesta dissertação, sem que se informe o contrário, serão tomadas da *Bíblia de Jerusalém*.

Desse modo, o objetivo desta dissertação é apresentar um estudo de Lc 24,13-35 do ponto de vista da hermenêutica bíblica e nos marcos de uma hermenêutica eclesial. Ao colocar em destaque a experiência com o Ressuscitado vivida pelos discípulos de Emaús, conforme o relato lucano, quer mostrá-la como uma experiência iluminadora para a atual realidade eclesial, incentivando as comunidades paroquiais a seguirem o mesmo itinerário dos discípulos mencionados no texto, contribuindo dessa forma para que a experiência de Emaús possa suscitar uma motivação sinodal, que contribua para o surgimento de novas práticas pastorais no discipulado e na sinodalidade da vivência eclesial.

No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (disponível na internet), aparecem duas dissertações e uma tese que já trataram a perícopes de Lc 24,13-35. Dentre as dissertações, uma delas é “Emaús, o caminho da fé pascal: estudo bíblico-teológico de Lc 24,13-35”, de Benedito Antônio Bueno de Almeida, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nela, o autor faz uma analogia do caminho percorrido por Deus e o povo de Israel no Antigo Testamento com o caminho percorrido por Jesus com os discípulos a caminho de Emaús. Outra é “Diálogo: mestre e discípulo uma leitura teológica da Pedagogia do oprimido de Paulo Freire” de Celina Lessa Nazário, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Nessa dissertação, a autora faz uma comparação da pedagogia aplicada por Jesus com os discípulos de Emaús ao longo do caminho com a pedagogia de Paulo Freire. Já a tese, tem como título “Anseio por dançar diferente. Leitura Popular da Bíblia na ótica da hermenêutica feminista crítica de libertação”, de Isabel Aparecida Felix, pela Universidade Metodista de São Paulo. Nessa tese, a autora faz um estudo sobre o potencial de transformação sociorreligiosa da leitura popular da Bíblia. No contexto dessa abordagem hermenêutica, foram estudados os escritos de Carlos Mesters e sua colaboração no Centro de Estudos Bíblicos (CEBI). São usados na pesquisa dois textos metodológicos da leitura popular da Bíblia: “A caminho de Emaús. Leitura bíblica e educação popular” e “A Leitura Popular da Bíblia: à procura da moeda perdida”. Com a referida tese, a autora pretende ir além do estudo dos textos bíblicos e contribuir com o processo de conscientização em vista da transformação da realidade de dominação e opressão.

Esses três trabalhos investigativos têm por base a mesma perícopes da presente dissertação, mas a tratam de forma distinta, o que justifica o desenvolvimento deste trabalho.

Com relação à metodologia, pode-se dizer que, a pesquisa focou na busca da mensagem apresentada no referido texto lucano, a partir da consulta a obras impressas e digitais de vários autores, que trabalharam o tema. Nesse sentido, a metodologia deste trabalho é essencialmente a da pesquisa bibliográfica.

Como referencial teórico, esse projeto se serviu das seguintes obras: “O itinerário da fé pascal: a experiência dos discípulos de Emaús e a nossa”, de Álvaro Barreiro. Essa obra está organizada a partir do texto de Lc 24,13-35. O livro como que trabalhando uma aparição do tempo pascal, ajuda a viver a espiritualidade do Ressuscitado. Trata-se de um livro para ser lido e meditado não apenas no tempo pascal, mas em todo o ano litúrgico. Outra obra importante é “Lucas a caminho com Jesus missionário”, de Alberto Casalegno. Nele, o autor apresenta alguns elementos básicos da teologia de Lucas e da organização do texto do Evangelho, analisa e realça os vários momentos em que se articula a narração, destaca as características da composição lucana e apresenta as perspectivas teológicas do evangelista. Por fim, “Lucas o caminho aberto por Jesus”, de José Antônio Pagola. Esse livro foi escrito com o intuito de ajudar a entrar pelo caminho aberto por Jesus, centrando a fé no seguimento de sua pessoa. É uma obra que brota do propósito de resgatar o anúncio de Jesus para homens e mulheres da atualidade.

O corpo da dissertação está dividido em duas partes. A primeira unidade consiste na apresentação do texto em questão: Lc 24,13-35, Jesus e os discípulos a caminho para Emaús. Essa apresentação está dividida em cinco tópicos. Primeiramente, será apresentado o texto e sua delimitação, isto é, o texto traduzido, as variantes textuais e a delimitação. Em seguida, será a vez de situar o texto na obra: no contexto amplo, ou seja, no Evangelho segundo Lucas, e no contexto próximo, ou seja, no capítulo 24 desse Evangelho. Na sequência, será a vez das análises: a análise narrativa com o elenco dos personagens do relato, anotações de tempo e de lugar, e a alternância entre narração e discursos diretos. Posteriormente, vem a análise semântica, com a identificação das palavras-chave do relato e a apresentação do significado das mesmas. Finalizando essa parte da dissertação, vem a síntese da unidade, que faz um resumo do que foi visto até aqui.

A segunda unidade da dissertação apresenta como tema a hermenêutica eclesial do texto. Essa parte está dividida em quatro tópicos. Primeiramente, o referido tema será trabalhado a partir da leitura eclesial: os aspectos sinodais presentes no relato e suas implicações para a vida eclesial. Aqui será feita uma comparação dos aspectos sinodais do referido relato com a sinodalidade presente

na Igreja de hoje. Posteriormente, será a vez da leitura catequética, que coloca em destaque a partilha feita por Jesus com os discípulos de Emaús, vista como modelo para a catequese. Nessa parte, serão refletidas propostas a partir da catequese trabalhada por Jesus no presente texto. Na sequência, vem a leitura eucarística: a refeição partilhada enquanto inspiração para as celebrações eucarísticas. Aqui, será feita uma comparação da partilha do pão feita por Jesus e os discípulos com a celebração eucarística em seu formato atual. Por fim, vem a síntese da unidade, que resume essa parte do trabalho.

Na finalização da dissertação há um resumo de toda a obra, incluindo também as percepções e as conclusões que o autor foi alcançando ao longo da construção do trabalho. Entre essas percepções e conclusões, destacam-se, primeiramente, onze atributos que fazem arder o coração do discípulo ao longo da sua caminhada e experiência pessoal com Jesus, assim como aconteceu em Emaús. São experiências pastorais que motivam as pessoas a prosseguir a caminhada eclesial, mesmo diante das dificuldades e da falta de esperança. Posteriormente, vem uma comparação pertinente do caminho de ida e de volta de Cléofas e do outro discípulo com os discípulos de hoje. Assim como aconteceu com os dois, muitas vezes, o caminho dos discípulos da atualidade pode ser triste e frustrante, como o percurso entre Jerusalém e Emaús, como também pode ser feliz e motivador, como o percurso entre Emaús e Jerusalém.

Em suma, o presente trabalho é um estudo sobre a importância e sobre a influência da experiência da ressurreição de Jesus na Igreja primitiva e nos tempos atuais. Na versão lucana do evangelho, são encontrados momentos pertinentes com o Ressuscitado, que motivaram os cristãos a continuarem a missão de Jesus, mesmo diante de tantas dificuldades, e, que, certamente, motivará também a Igreja de hoje a superar os desafios pastorais à luz da experiência do encontro com o ressuscitado, especialmente na perícopos dos discípulos de Emaús.

2 APRESENTAÇÃO DO TEXTO

Esta primeira unidade da dissertação trata de uma apropriação do texto da presente perícopes nos seus pormenores. Em outras palavras, antes de fazer a hermenêutica do texto, é preciso conhecê-lo por meio de uma análise detalhada.

O capítulo 24 de Lucas, no qual está inserida a presente perícopes, é uma espécie de síntese do Terceiro Evangelho. Assim sendo, em Lc 24,13-35, o autor sagrado expõe a pedagogia de Jesus, por meio de sua fala e de suas atitudes. A analogia e a atualização dessa pedagogia do Nazareno à eclesiologia mostram como o modo de Jesus ensinar continua atual, basta aplicá-lo nas comunidades paroquiais.

Inicialmente, será apresentado o texto e sua delimitação: aqui será trabalhado o texto traduzido de Lc 24,13-35. Essa parte do Evangelho segundo Lucas é o objeto material da pesquisa, isto é, o texto-base que iluminará todo o trabalho. O objeto formal, por sua vez, é a apresentação de um estudo da referida perícopes do ponto de vista da hermenêutica bíblica e da hermenêutica eclesial, com o intuito de colaborar com a pesquisa bíblica e com a pastoral eclesial.

As variantes textuais tratam de formas textuais diferentes que se encontram nos manuscritos antigos da Bíblia, que, porém, apresentam o mesmo significado. A delimitação, por sua vez, apontará onde começa e onde termina a perícopes. Às vezes, pode acontecer de o leitor do texto bíblico se confundir quanto ao início e ao fim de uma determinada perícopes. Nesse sentido, a delimitação de um texto tem grande relevância.

Posteriormente, o texto será devidamente situado dentro da obra. Primeiramente, isso será feito no contexto mais amplo, ou seja, na análise de toda a versão lucana do evangelho. Em outras palavras, será explorado tudo aquilo que se estende muito além da perícopes específica aqui considerada. Esse passo inicial é importante para entender como a perícopes se insere na narrativa maior do Evangelho segundo Lucas, permitindo uma compreensão mais completa e totalizante de seu significado e implicações. Em seguida, há de se passar para o contexto mais próximo, focando especificamente no capítulo 24 do Terceiro Evangelho, onde a perícopes está localizada. Nesse segundo estágio, será examinado com atenção como a perícopes se relaciona com os eventos e temas apresentados nesse capítulo em particular. Essa análise mais detalhada e focalizada permitirá ao leitor perceber os vínculos diretos e as conexões temáticas que existem

entre a perícope e o restante do capítulo 24. Dessa maneira, ao estabelecer essa dupla contextualização, tanto ampla quanto específica, será possível identificar e entender os vínculos que existem entre o Terceiro Evangelho em sua totalidade e a perícope em questão. Esse processo contribuirá na revelação das nuances e dos detalhes que podem passar despercebidos em uma leitura menos aprofundada, oferecendo uma visão mais rica e esclarecedora do texto bíblico.

Em seguida, aparece a análise narrativa, com o elenco dos personagens do relato, anotações de tempo e de lugar, e a alternância entre narração e discursos diretos. Aqui, há a oportunidade de olhar o texto bíblico também como literatura, bem como, por meio da narrativa bíblica, compreender a mensagem trazida pelos personagens.

Adiante, aparece a análise semântica, com a identificação das palavras-chave do relato e a apresentação do significado dessas palavras. Essa parte consiste na identificação das principais palavras da perícope e em um estudo sobre o significado dessas palavras. As Sagradas Escrituras apresentam, em muitos textos, palavras de fortes significados, que, por si só, já transmitem mensagens importantes. Nessa parte do trabalho, se procurará estudar isso. Essa parte do trabalho é concluída com a síntese da unidade, que faz um resumo da mesma.

Portanto, a presente unidade desta dissertação tem como finalidade principal apresentar ao leitor o contexto completo da perícope. Esse objetivo é fundamental para levar o leitor a uma compreensão mais profunda e detalhada da mensagem que o evangelista Lucas deseja expressar. A perícope em questão trata da experiência marcante que Cléofas e o outro discípulo tiveram com o Ressuscitado enquanto estavam a caminho para Emaús. Para alcançar essa finalidade, é necessário situar a perícope no cenário histórico e literário apropriado, elucidando os aspectos culturais, religiosos e sociais que influenciam a narrativa. Ao fazer isso, se pode entender melhor as nuances e os simbolismos presentes no texto bíblico, que muitas vezes são fundamentais para captar a totalidade da mensagem que o autor sagrado pretende transmitir.

Além disso, uma análise cuidadosa das palavras e ações de Cléofas e do outro discípulo ao longo do caminho para Emaús pode revelar elementos consideráveis sobre a natureza de sua experiência com o Ressuscitado. Essa experiência não é apenas um encontro físico, mas também espiritual e teológico, carregado de significado para a comunidade cristã dos evangelhos e para os leitores contemporâneos. Sendo assim, ao explorar minuciosamente esse contexto e

interpretar a perícopé com atenção aos detalhes, espera-se proporcionar ao leitor uma visão mais abrangente e esclarecedora da narrativa. Com isso, busca-se não só iluminar o significado teológico da experiência em Emaús, mas também fomentar uma apreciação mais profunda da abundância e da complexidade do texto sagrado.

1.1 O TEXTO E SUA DELIMITAÇÃO

O ponto de partida deste estudo é a apresentação do texto a ser trabalhado: Lc 24,13-35, perícopé que relata o encontro, o diálogo, a caminhada (sinodalidade) e a experiência dos discípulos com Jesus ressuscitado. A presente perícopé, exclusiva de Lucas, apresenta o encontro de Jesus com Cléofas e outro discípulo, cujo nome não é mencionado. O diálogo entre eles trata inicialmente da tristeza dos discípulos com a morte de Jesus, e, posteriormente, ao longo do caminho para Emaús, da partilha da palavra. Isso proporcionou uma experiência profunda entre eles, que culminou no partir do pão, quando os discípulos reconheceram Jesus Ressuscitado.

Esta unidade será subdividida em quatro partes. Primeiramente, será apresentado o texto traduzido de Lucas 24,13-35. O relato que apresenta o famoso encontro de Jesus com os discípulos a caminho de Emaús é um dos mais marcantes entre os relatos de manifestações do Ressuscitado. Em seguida, será apresentada a delimitação da perícopé, isto é, os elementos que marcam seu início e seu fim. Após a delimitação, vem a estruturação do texto, ou seja, a análise das articulações internas da perícopé em sua redação final. Por fim, vem a crítica textual, que é o estudo dos textos bíblicos como aparecem nos manuscritos antigos.

1.1.1 Os Dois Discípulos de Emaús: O Texto Traduzido

No texto a seguir, aparece o relato do encontro de Jesus com os discípulos de Emaús. Próprio de Lucas, esse é o texto-base da presente dissertação. Nele, se destaca a partilha da palavra proferida por Jesus, o que é caracterizado pelo ensino das Sagradas Escrituras, e a partilha do pão, que abriu os olhos dos discípulos para reconhecer Jesus.

O texto apresentado foi tomado da Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, conforme a primeira reimpressão, de 2016:

13. Eis que dois deles viajavam nesse mesmo dia para um povoado chamado Emaús, a setenta estádios de Jerusalém; **14.** e conversavam sobre todos esses acontecimentos. **15.** Ora, enquanto conversavam e

discutiam entre si, o próprio Jesus aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles, **16**. seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo. **17**. Ele lhes disse: “Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando?” E eles pararam com o rosto sombrio.

18. Um deles, chamado Cléofas, lhe perguntou: “Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignora os fatos que nela aconteceram nestes dias?” **19**. “Quais?”, disse-lhes ele. Responderam: “O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que foi profeta poderoso em obras e em palavras, diante de Deus e diante de todo o povo: **20**. como nossos Sumo Sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. **21**. Nós esperávamos que fosse ele quem redimiria Israel; mas, com tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram! **22**. É verdade que algumas mulheres, que são dos nossos, nos assustaram. Tendo ido muito cedo ao túmulo **23**. e não tendo encontrado o corpo, voltaram dizendo que haviam tido uma visão de anjos a declararem que ele está vivo. **24**. Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas tais como as mulheres tinham dito; mas não o viram!”

25. Ele, então, lhes disse: “Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! **26**. Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?” **27**. E, começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito.

28. Aproximando-se do povoado para onde iam, Jesus simulou que ia mais adiante. **29**. Eles, porém, insistiram, dizendo: “Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina”. Entrou então para ficar com eles. **30**. E, uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles. **31**. Então seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles. **32**. E disseram um ou outro: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?”

33. Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém. Acharam aí reunidos os Onze e seus companheiros, **34**. que disseram: “É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” **35**. E eles narraram os acontecimentos do caminho e como o haviam reconhecido na fração do pão.

Ambos os momentos do texto: partilha da palavra e partilha do pão, são marcados pela presença do mestre ao longo do caminho para Emaús, isto é, Jesus que caminha com seus discípulos, faz refeição com eles e os motiva a seguir o caminho de volta a Jerusalém para anunciar a experiência com o Ressuscitado (Lc 24,15). A seguir, será apresentado como se chegou à delimitação da perícopes.

1.1.2 Delimitação da Perícopes

Delimitar um texto é determinar em qual versículo o texto tem início e em qual tem fim, em outras palavras, estabelecer os limites “para cima” e “para baixo”. A parte que resulta dessa operação se chama perícopes. Nas edições da Bíblia, as perícopes aparecem destacadas com subtítulos. Porém, eles não pertencem ao texto original. Cada editor divide o título à sua maneira, o que acaba provocando diferenças entre as divisões dos textos, de acordo com cada edição da Bíblia (Silva, 2007, p. 23).

A delimitação de uma perícopé faz parte da crítica literária, que também procura observar se uma determinada unidade textual foi composta de uma só vez ou resultou de intervenções redacionais. Isso se deve ao fato de que os textos bíblicos são, muitas vezes, frutos de um processo redacional mais ou menos longo, o que pode provocar dificuldade em sua compreensão (Lima, 2014, p. 132).

Nesta parte do trabalho, será vista a delimitação da perícopé. Isso será observado por meio de elementos que marcam o início e o fim da perícopé. Nesse sentido, a ciência bíblica utiliza um termo técnico para designar uma unidade literária que preenche esses requisitos, que se chama “perícopé”. Um conjunto de várias perícopes forma uma seção, e assim por diante até compor um livro. A seguir serão vistos os elementos que marcam o início e o fim da perícopé em estudo.

Toda perícopé possui alguns elementos que marcam seu início e seu fim. Nesta parte do presente trabalho, esses elementos serão apresentados e estudados, a partir do texto trabalhado nesta dissertação:

- a) Indicação de espaço: a indicação de espaço se aplica ao v. 13, que apresenta um novo lugar: Emaús, que não aparecia no versículo anterior, como também menciona a distância de Jerusalém para Emaús, de setenta estádios, que equivale a mais ou menos 10 km. O cenário de perícopé se dá justamente neste percurso de Jerusalém para Emaús.

- b) Indicação de novos personagens: a indicação de novos personagens também se aplica ao v. 13, que apresenta dois discípulos, Cléofas, cujo nome aparece no decorrer do texto, e o outro discípulo ou discípula, cujo nome não é mencionado.

- c) Indicação de tempo: a indicação de tempo se aplica ao v. 29, no qual, os discípulos fazem o convite a Jesus para permanecer com eles pelo fato do horário já estar avançado, com a tarde caindo e o dia declinando.

d) Indicação de temática: a indicação de temática se aplica ao v. 34, que apresenta a partilha que Cléofas e o outro discípulo tiveram com os apóstolos, acerca da experiência que ambos tiveram com o Ressuscitado à caminho de Emaús.

Portanto, a delimitação da perícopé permite ao leitor detectar os limites de uma determinada perícopé, para cima e para baixo, estabelecendo desse modo o seu início e o seu fim. O que proporciona uma hermenêutica mais profunda do texto bíblico e possibilita chegar mais próximo da mensagem do autor sagrado.

2. 2 ESTRUTURAÇÃO DO TEXTO

Após a delimitação do texto, é preciso fazer a análise das articulações internas da perícopé em sua redação final. Esse passo metodológico é chamado por algumas pessoas de “estruturação do texto”, “análise da estrutura literária” ou “forma do texto”. Nomenclaturas à parte, se trata de uma leitura sincrônica, ou seja, que analisa o texto em si mesmo e como ele está. A comparação de dois ou mais textos com formas semelhantes se chama “estudo dos gêneros literários”, e constitui uma leitura diacrônica. Em outras palavras, trata-se de ver como são as relações existentes entre palavras e entre frases, para tornar claro o conteúdo que o texto quer transmitir, pois o próprio texto oferece várias possibilidades de leitura em seus vocábulos, frases, repetições, figuras literárias, palavras-gancho, inclusões etc. (Silva, 2007, p. 29).

Para o estudo da forma de um texto é preciso agrupar os seguimentos em subunidades, chamadas de “sequências”. Cada sequência deve ter uma peça mais ou menos completa no desenvolvimento do relato ou do discurso. Tais sequências conservam entre si relações de dependência ou de subordinação (Silva, 2007, p. 30).

Depois da definição das sequências de um texto, é preciso atribuir a elas uma letra maiúscula ou um número. Em suma, cada sequência deve ser resumida em uma frase muito breve, que não seja uma paráfrase do texto (Silva, 2007, p. 30). Serão destacados nesta estruturação do texto o sujeito e suas ações:

Estrutura com enfoque nos sujeitos:

A – Discípulos: os discípulos tomam a iniciativa de partir de Jerusalém para o povoado chamado Emaús (v. 13-14);

B – Jesus: enquanto os discípulos conversavam e discutiam entre si, Jesus apareceu e começou a caminhar e conversar com eles (v. 15-21);

C – Mulheres: experiência das mulheres com o Ressuscitado e seu respectivo testemunho (v. 22-24);

B – Jesus: chegada em Emaús e revelação de Jesus aos discípulos. (v. 25-32);

A – Discípulos: após a experiência com o Ressuscitado, os discípulos voltam para Jerusalém e dão o seu testemunho (v. 33-34);

Estrutura com enfoque nas ações:

A – Início da caminhada dos discípulos para Emaús (v. 13-14);

B – Aparição e interpelação de Jesus (v. 15-17);

C – Percurso do caminho para Emaús (v. 18-24);

B – Partilha da palavra e do pão (v. 25-30);

A – Reconhecimento de Jesus e volta para Jerusalém (v. 31-35);

Após a definição da estrutura ou da forma do texto, torna-se possível fazer uma releitura do mesmo de forma total e dar um conceito acerca de como a perícopes formula o conteúdo (Silva, 2007, p. 30). Isso é feito por meio da análise dos personagens da perícopes e de suas respectivas ações.

A estrutura com enfoque nos personagens possibilita conhecer as colunas da perícopes, por meio daqueles que lhe dão vida. Por sua vez, a estrutura com enfoque nas ações permite conhecer a mensagem da perícopes. Assim sendo, Jesus e os discípulos são as colunas desse texto e, como seus personagens, lhe dão vida. A mensagem que brota das ações traz uma reflexão sobre a sinodalidade, que se deu no percurso do caminho entre Jerusalém e Emaús, chegando a seu ápice na partilha da palavra e do pão.²

Por fim, é importante observar que não existe uma regra fixa para este trabalho. Cada texto possui uma organização própria, como também os textos parecidos, mostram características específicas. Além do mais, um único texto pode apresentar mais de uma estrutura justapostas (Silva, 2007, p. 30). A seguir, será apresentada a crítica textual.

² Primeiramente, a estruturação do texto expressa o significado de cada parte e, posteriormente, apresenta o que o autor sagrado quis transmitir.

2.3 CRÍTICA TEXTUAL

Crítica textual é o estudo dos textos bíblicos como aparecem nos manuscritos antigos, com o propósito de resgatar uma forma de texto que se aproxime o máximo possível dos escritos originais (autógrafos) assim como estes se apresentavam antes dos copistas fazerem modificações e cometerem erros no decorrer do processo de transmissão (Omanson, 2010, p. 11).

Uma vez que se chegou ao texto que seria aquele o mais próximo possível do escrito original, trabalho que é feito a partir de critérios próprios da crítica textual, as leituras dos testemunhos antigos que divergem desse texto reconstituído são chamadas de “variantes textuais”. Em sua grande maioria, as variantes textuais são formas textuais diferentes em relação a algumas palavras, mas que, no entanto, conservam o mesmo sentido para o texto visto em seu conjunto. Elas se encontram nos manuscritos antigos da Bíblia (Omanson, 2010, p. 14). Aqui, serão trabalhadas as variantes textuais mais significativas da perícopie em estudo, Lc 24,13-35:

- Lc 24,13 “Eis que dois deles viajavam nesse mesmo dia para um povoado chamado Emaús, a /sessenta/ estádios de Jerusalém”.

Para este versículo, o texto comumente conhecido traz “setenta estádios”. No entanto, alguns testemunhos textuais trazem “cento e setenta estádios”, daí a variação das palavras (Omanson, 2010, p. 155).

Provavelmente essa variante surgiu em conexão com a identificação de Emaús como a localidade de Amwâs (Nicópolis), que fica a 170 estádios de Jerusalém. Tal identificação também foi feita por alguns escritores patrísticos, como Eusébio e Jerônimo. Todavia, essa distância é muito grande para ser feita num final de dia ou início da noite. Tendo em vista que poucos leitores da atualidade sabem quanto equivale um estádio, muitos tradutores preferem usar equivalentes mais atuais, como “a cerca de onze quilômetros”, “mais ou menos dez quilômetros” ou “a duas horas de viagem de Jerusalém” (Omanson, 2010, p. 155).

- Lc 24,17: Ele lhes disse: “Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando? /E eles pararam/ com o rosto sombrio”.

Para este versículo, há muitos testemunhos antigos que fazem da forma verbal parte do discurso direto de Jesus: “e estais com o rosto sombrio”. Muitos testemunhos concordam com a leitura que aparece como texto. Porém, a maior parte dos outros testemunhos concorda com a variante “E estais com o rosto sombrio”, fazendo com que essa locução integre a pergunta anterior. O sentido do texto é “E ele lhes perguntou”: ‘Que estais discutindo entre vós à medida que caminhais?’ E eles pararam entristecidos”. O sentido da variante é este: “E ele lhes perguntou: ‘Que estais discutindo entre vós à medida que caminhais e estais entristecidos?’” (Omanson, 2010, p. 156).

Enquanto no texto é o narrador que informa que os discípulos estão entristecidos, na variante é um dos personagens (Jesus) que fala que os discípulos estão entristecidos. A variante apresenta essa característica de variar algumas palavras ou frases, no entanto, o significado é o mesmo.

- Lc 24,19: Responderam “O que aconteceu a Jesus, /o Nazareno/”.

Neste versículo, muitos manuscritos trazem Nazareu em lugar de Nazareno. A variante textual não tem maior importância para a tradução porque ambas as formas podem ser traduzidas por “de Nazaré”. Provavelmente, alguns copistas trocaram a palavra “Nazareno” por “Nazareu”. A primeira é menos usada no Novo Testamento do que a segunda (Omanson, 2010, p. 155). Nesse caso, enquanto o texto traz “Nazareno”, a variante traz “Nazareu”, mas a etimologia da palavra é a mesma:

- Lc 24,32: “E disseram um ou outro: ‘Não ardia o nosso coração /quando ele nos falava/ pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?’”

Esta variante não possui maior importância para os tradutores, porque o sentido do texto continua o mesmo. Ainda que pertinentes testemunhos de vários tipos de texto apoiem a leitura mais breve, possivelmente alguns copistas omitiram a locução “em nós” porque julgaram que era desnecessária naquele contexto (Omanson, 2010, p. 156). Aqui, há uma variação no próprio texto, dependendo da tradução da Bíblia. Enquanto algumas edições apresentam “dentro de nós” ou “em nós”, a variante, por sua vez, apresenta “quando falava a nós”.

Portanto, em se tratando, das variantes textuais relacionadas à perícopes em estudo, pode-se dizer que tratam de distintas leituras que existem em alguns

manuscritos antigos no mesmo lugar de certos versículos. Apresentam diferentes palavras ou frases, que expressam o mesmo significado. Podem também ser ausência ou presença de termos em determinada frase. Algumas variantes chegam a mudar bastante o sentido do texto. Essas diferenças são oriundas, muitas vezes, de preferências ou erros dos escribas ou copistas.

Em suma, a apresentação do texto de Lc 24,13-35, sua respectiva delimitação, sua estruturação e a crítica textual proporcionaram um estudo que ajudou a conhecer melhor as características e as particularidades da famosa perícopes dos discípulos de Emaús. O aprofundamento desse texto, permite entender melhor a mensagem do texto, antes de concluir sua hermenêutica acerca do presente relato. A seguir, será estudado o texto e seu contexto.

2.4 O TEXTO E SEU CONTEXTO

Nesta parte da dissertação, o texto será devidamente situado dentro da obra, abordando tanto o contexto amplo quanto o contexto próximo. Primeiramente, no contexto amplo, será analisado o Evangelho segundo Lucas como um todo. Em seguida, no contexto próximo, o estudo se concentrará especificamente no capítulo 24 desse Evangelho.

Em se tratando do contexto amplo, pode-se dizer que o Terceiro Evangelho é uma obra coesa e integrada em si mesma. Todos os seus capítulos estabelecem inter-relações significativas e não se contradizem. Essa coesão interna é essencial para compreender como cada parte do Evangelho contribui para a mensagem global que Lucas deseja transmitir. Dessa forma, situar a perícopes no contexto de todo o Evangelho permite perceber como ela se encaixa na narrativa maior e se relaciona com os temas e eventos que percorrem toda a obra.

Com relação ao contexto próximo, o capítulo 24 do Evangelho segundo Lucas possui suas particularidades que o distinguem do restante da obra. Este capítulo é de suma importância, pois trata dos eventos relacionados à ressurreição de Jesus e suas aparições aos discípulos. Cada perícopes dentro desse capítulo tem suas características próprias, mas todas estão interconectadas e contribuem para a unidade temática do capítulo. Apesar de suas especificidades, essas perícopes não deixam de estabelecer relações entre si e com o todo do Evangelho de Lucas.

A narração de um determinado texto se insere em contextos preparados pelo narrador, com a finalidade de serem identificados pelo leitor. Correspondem às

circunstâncias de tempo, lugar e ambiente social, onde o enredo se desenrola. O contexto pode ter valor factual ou metafórico. O contexto factual é indicado por um objetivo: quando acontece a ação, onde, qual a condição social dos personagens. “O contexto metafórico, por sua vez, age além da realidade espaço temporal e social; importa, pois, percebê-lo e interpretá-lo da forma correta” (Vitório, 2016, p. 121).

A presente seção está subdividida em duas partes: o contexto amplo e o contexto próximo. Enquanto o contexto amplo abordará o texto estudado de forma mais geral, relacionando-o com o Terceiro Evangelho, o contexto próximo, por sua vez, fala sobre o capítulo 24, fazendo um estudo sobre todo o referido capítulo. Em outras palavras, só uma interpretação que leva em consideração o contexto do texto, poderá chegar a uma boa hermenêutica. Dessa maneira, ao explorar tanto o contexto amplo quanto o contexto próximo, será possível entender melhor as nuances e as inter-relações presentes no texto. Isso ajuda a apreciar a expansão literária e teológica do Terceiro Evangelho, permitindo uma interpretação mais completa e profunda da perícopes em questão. Ao situar o texto nesse duplo contexto, são destacadas as particularidades do capítulo 24 e sua forma de se harmonizar com a mensagem geral do Evangelho, oferecendo uma visão lógica e abrangente da obra.

2.4.1 O Contexto Amplo

O contexto amplo fala daquilo que está além daquela determinada parte do texto, que está sendo estudada. Todavia, esta parte também tem uma ligação com o tema a ser abordado na perícopes em questão. Em se tratando do presente trabalho, falar de contexto amplo significa falar de toda a versão lucana do evangelho, e conseqüentemente, de suas particularidades.

A seguir, a apresentação do contexto amplo será dividida em quatro partes, tendo como ponto de partida um estudo das características e particularidades do Terceiro Evangelho. Em seguida, serão abordados alguns temas fundamentais da teologia lucana, a começar por aquele da segunda vinda de Jesus, relacionando o tempo de Jesus e o tempo da Igreja. Posteriormente, será feito um estudo sobre a revelação de Jesus, enfatizando seus testemunhos e sua messianidade. Por fim,

será abordada a ação do Espírito Santo, tanto no âmbito da vida de Jesus, quanto no âmbito da vida eclesial.

2.4.1.1 Características e particularidades do Terceiro Evangelho

Em se tratando da autoria do texto, não se sabe com certeza como se chamava o autor. O que se pode dizer é que é atribuído a um médico cristão, amigo de Paulo e que se chamava Lucas. Foi escrito fora da Palestina, provavelmente em Roma, entre os anos 80 e 90 d.C. Seus destinatários são leitores de cultura grega. O livro é dedicado a um cristão chamado Teófilo, com a finalidade de propagá-lo entre os cristãos oriundos do paganismo (Pagola, 2012, p. 12).

Uma característica fortemente presente na obra lucana é a universalidade da mensagem cristã. O autor investiu pesadamente na evangelização dos gentios, provavelmente por sua origem pagã e também por influência de Paulo, de quem era amigo. Em outras palavras, Lucas realça o fato de que Jesus não é apenas o libertador dos judeus, mas também o Salvador de todo o mundo (Pagola, 2012, p. 13).

Para sustentar essa temática, o autor omite muito material que é mais especificamente de caráter judaico. Por exemplo, ele não inclui o pronunciamento de condenação de Jesus a escribas e fariseus (Mt 23), nem a discussão sobre a tradição judaica (Mt 15,1-20; Mc 7,1-23). Também deixa de fora os ensinamentos de Jesus no Sermão da Montanha que tratam diretamente do seu relacionamento com a lei (Mt 5,21-48; 6,1-8.16-18). E omite as instruções de Jesus aos Doze para se absterem de se dirigir aos gentios e aos samaritanos (Mt 10,5) (Casalegno, 2003, p. 32).

Em contrapartida, Lucas inclui muitas características que demonstram a universalidade do Terceiro Evangelho. Ele enquadra o nascimento de Jesus em um contexto romano (Lc 2,1-2; 3,1), mostrando que o que ele registra tem significado para todas as pessoas. Ele enfatiza ainda as raízes judaicas de Jesus. De todos os escritores dos evangelhos, só ele registra a circuncisão e a dedicação de Jesus (Lc 2,21-24), bem como sua visita ao Templo quando menino (Lc 2,41-52). Somente ele relata o nascimento e a infância de Jesus no contexto de judeus piedosos como Simeão, Ana, Zacarias e Isabel, que estavam entre os fiéis restantes “esperando a consolação de Israel” (Lc 2,25). E ainda, só Lucas relata a experiência que os discípulos tiveram com Jesus a caminho de Emaús (Lc 24,13-35). Por todo o

Evangelho, o autor deixa claro que Jesus é o cumprimento das esperanças do Antigo Testamento relacionadas à salvação (Casalegno, 2003, p. 33).

Um versículo que vale a pena destacar no Evangelho segundo Lucas é o 19,10, que fala que Jesus “veio buscar e salvar o que se havia perdido”. Ao apresentar Jesus como salvador de todos os tipos de pessoas, o evangelista inclui material não encontrado nos outros evangelhos, como o relato do fariseu e da pecadora (Lc 7,36-50); a parábola do fariseu e o publicano (Lc 18,9-14); a história de Zaqueu (Lc 19,1-10), e o perdão do ladrão na cruz (Lc 23,39-43).

Diante desse contexto, o autor sagrado é conhecido como o evangelista da misericórdia, pois em toda obra lucana (Terceiro Evangelho e Atos dos Apóstolos), ele apresenta uma mensagem universal e inclusiva. Isso acaba trazendo para o seu texto, uma hermenêutica que ressalta o caráter misericordioso e acolhedor de Jesus, muito mais do que nas outras versões do evangelho (Pagola, 2012, p. 110).

2.4.1.2 O tempo em Jesus e na Igreja

Uma das mensagens principais de Lucas é a distinção entre o tempo de Jesus e o tempo da Igreja. Sem colocar de lado a particularidade única da salvação trazida por Jesus Cristo, coloca em destaque as etapas da obra de Deus na história. Mais do que Mateus e Marcos, ao falar de Jesus e dos discípulos, o presente evangelista pensa já na Igreja, cujos membros se sentem motivados a acolher a mensagem salvífica com alegria e conversão.

Tudo isso faz do Terceiro Evangelho, o livro da misericórdia, da alegria, da solidariedade e da oração. Ao passo que o ser humano é respeitado, o anúncio da salvação do evangelho muda a vida das pessoas, com reflexos em diversos comportamentos do seu ser (Bösen, 2015, p. 227).

Jesus faz o anúncio da sua vinda no fim dos tempos, o qual, de acordo com o autor sagrado, será simultaneamente o tempo da Igreja. Todavia, a persistência de Lucas em abordar o tema da salvação presente na realeza pascal do Senhor Jesus, contribuirá para acalmar a ansiedade relativa à proximidade da volta de Jesus (Bösen, 2015, p. 227).

2.4.1.3 Jesus se revela

Na cristologia lucana, o que interessa não é um inventário dos vários títulos dados à pessoa de Jesus: Filho de Deus, Cristo, Senhor, Filho do Homem etc. Para entender a novidade trazida pelo evangelista é mais importante fixar a atenção nos modelos ou esquemas típicos usados pelo autor sagrado. Lucas dá alguns testemunhos acerca da pessoa de Jesus, além de apresentá-lo como o salvador da humanidade. Entre eles destaca-se:

- a) Jesus é o profeta, cuja missão compara-se ao Servo e Messias (Lc 4,24; 7,16.39; 24,19): Esse é o primeiro modelo. Lucas retoma esse esquema ou modelo de tradição evangélica comum e amplia numa dimensão nova e compatível com a visão histórico-salvífica (o presente esquema ou modelo foi apresentado por Marcos anteriormente) Jesus é conhecido e saudado como profeta ou um dos profetas (Lc 9,1-19 e Lc 4,18-21). A partir daí o evangelista parte para apresentar toda missão de Jesus a partir do modelo de profeta .
- b) Jesus é apresentado de maneira enfática como o homem ideal, a figura exemplar e o perfeito salvador da humanidade. Este Evangelho ressalta de forma significativa tanto sua natureza única quanto sua missão redentora. Não é por acaso que, ao longo desta narrativa, o título “Filho do Homem” seja encontrado 26 vezes, conforme documentado por Marguerat (2015, p. 129). Essa recorrência não é apenas uma coincidência, mas sim uma escolha deliberada de Lucas para destacar a identidade diferenciada de Jesus. O uso frequente deste título sublinha a profundidade do seu significado teológico, indicando sua humanidade plena e sua autoridade divina. Assim, Lucas, através de sua narrativa, convida a contemplar Jesus não apenas como um mestre ou profeta, mas como o ideal supremo de humanidade e o redentor perfeito, cuja vida e missão são centrais para a salvação da humanidade.
- c) Jesus é o Messias: O evangelista não só enfatiza a identidade messiânica de Jesus, como também tem a preocupação de apresentar o perfil do seu messianismo. Em outras palavras, Jesus é, por excelência, o Servo que se coloca à disposição para ir a Jerusalém cumprir sua missão (Lc 9,3-51). Jesus é o filho de Davi (Lc 20,4-44), o Filho do Homem (Lc 5,24) e o Servo Sofredor (Lc 4,17-19), que foi contado com os transgressores (Lc 22,37) (Marguerat, 2015, p. 129).
- d) Jesus é o Senhor exaltado: O autor sagrado refere-se a Jesus como “Senhor” dezoito vezes no Evangelho. O Jesus de Lucas é um homem de compaixão, generoso com gestos de cura: a ressurreição de um jovem em Naim (Lc 7,11-

17) é motivada pela compaixão que Jesus sentiu pela mãe do jovem morto, que também era viúva. Por isso, depois de ressuscitar o rapaz, Jesus o entregou à sua mãe (Marguerat, 2015, p. 129).

- e) Jesus é o amigo dos rejeitados pela sociedade: Não é por acaso que Lucas é conhecido como o evangelista da misericórdia, pois ele insere, no contexto de seu escrito, pessoas que eram consideradas sem importância para a sociedade da época, como os pagãos, por exemplo. Segundo o referido evangelista, Jesus é aquele que está próximo e que valoriza os que eram rejeitados do convívio social (Casalegno, 2003, p. 121).

2.4.1.4 A ação do Espírito Santo

O Evangelho segundo Lucas transmite duas promessas extremamente relevantes feitas pelo Ressuscitado: a promessa da vinda do Espírito Santo e a de sua presença permanente entre os discípulos. Estas são promessas poderosas e consoladoras, que continuam a trazer conforto e encorajamento mesmo atualmente. O cumprimento dessas promessas é uma expressão clara da ação contínua do Espírito Santo na vida de Jesus e, por extensão, na vida da Igreja.

Na terceira de suas narrativas pascais (Lc 24,36-49), o autor sagrado descreve um evento significativo em que o Ressuscitado aparece aos onze apóstolos e a outros discípulos na noite do domingo de Páscoa. Eles estavam reunidos em uma sala em Jerusalém quando Jesus se manifestou a eles. Durante esta aparição, Jesus fez a promessa solene da vinda do Espírito Santo, dizendo: “Eis que eu enviarei sobre vós o que meu Pai prometeu. Por isso, permaneço na cidade até serdes revestidos da força do alto” (Lc 24,49), conforme documentado por Bösen (2015, p. 226). Jesus fez essa promessa no contexto de um de seus discursos de despedida, momentos antes de sua ascensão e retorno ao Pai. Esta promessa específica referia-se diretamente ao evento de Pentecostes, quando o Espírito Santo descia sobre os discípulos, fortalecendo-os e capacitando-os para a missão evangelizadora.

Por fim, o contexto amplo do Terceiro Evangelho oferece um resumo abrangente da mensagem lucana. Como evangelista da misericórdia, Lucas tinha a intenção de que sua mensagem transcendesse os limites do judaísmo e alcançasse também os gentios. Ele apresenta Jesus não apenas como o Messias aguardado pelo povo judeu, mas como o salvador de toda a humanidade. Assim como no texto

da perícopes dos discípulos de Emaús, onde Jesus se preocupa em caminhar, ouvir e orientar os dois discípulos desanimados, Lucas mostra uma preocupação em acolher e incluir grupos que eram frequentemente marginalizados ou desvalorizados pela sociedade de sua época, como os gentios e as mulheres.

Dessa forma, a narrativa lucana não só destaca a universalidade da mensagem de Jesus, mas também reforça a importância da ação inclusiva e acolhedora da Igreja. Ao fazer isso, Lucas assegura que sua mensagem de misericórdia e salvação seja acessível a todos, independentemente de suas origens ou status social.

2.4.2 O Contexto Próximo

O contexto próximo oferece uma análise mais detalhada e específica do capítulo no qual a perícopes em questão está inserida, ou seja, o capítulo 24 do Terceiro Evangelho. Este capítulo apresenta diversos relatos das manifestações de Jesus Ressuscitado, experienciadas por seus discípulos.

No terceiro dia após a crucificação de Jesus, os anjos anunciaram sua ressurreição a um grupo de mulheres. Diante desse relato, alguns dos discípulos expressaram dúvidas sobre a possibilidade da ressurreição. Dois deles decidiram ir até Emaús e, sem reconhecer o mestre, conversaram com ele pelo caminho, apenas o identificando quando ele partiu o pão.

Posteriormente, Jesus apareceu aos apóstolos e a outras pessoas, mostrando-lhes seu corpo ressuscitado e instruindo-os a pregar o arrependimento dos pecados e a serem testemunhas dele. Esses encontros revelam a natureza transformadora e redentora da ressurreição de Jesus, e destacam sua autoridade divina e a continuidade de sua missão terrena.

Agora, será conduzido um estudo sobre as demais perícopes presentes neste capítulo, a fim de compreender mais plenamente o significado e o impacto das aparições de Jesus ressuscitado nas vidas dos discípulos e na missão das primeiras comunidades cristãs.

2.4.2.1 O sepulcro vazio. Mensagem dos anjos. Os apóstolos recusam o testemunho das mulheres. Pedro junto ao sepulcro (Lc 24,1-12)

Esta perícopre apresenta, inicialmente, o relato do sepulcro vazio, e posteriormente, o testemunho das mulheres e por fim, Pedro junto ao túmulo. A primeira experiência vivenciada com o Ressuscitado teve o protagonismo das mulheres. O texto aparece nos sinóticos e em João nomeando as testemunhas de formas distintas. Mt 28,1-15 fala de Maria Madalena e outra Maria; Mc 16,1-8 fala de Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé; Lc 24,1-12 cita Maria Madalena, Joana, Maria, mãe de Tiago e outras mulheres, cujos nomes não são mencionados e João 20,1-10, fala só de Maria Madalena.

Independente das distintas referências, esse protagonismo das mulheres ganha uma dupla hermenêutica. Por um lado, o autor sagrado destaca a importância das mulheres no movimento de Jesus. Todavia, por outro lado, inicialmente os discípulos não acreditaram nelas, precisaram ver para crer (Casalegno, 2003, p. 193).

Fazendo uma comparação desta perícopre com a dos discípulos de Emaús, pode-se destacar o fato de que Cléofas mencionou a experiência das mulheres com o Ressuscitado, como também destacou a falta de crédito dos discípulos em relação ao testemunho delas (Lc 24,22-24).

2.4.2.2 Jesus aparece aos discípulos (Lc 24,36-43)

A presente perícopre tem início logo após o relato dos discípulos de Emaús. Jesus apareceu aos apóstolos confirmando a experiência e o testemunho das mulheres, o que provavelmente aumentou a credibilidade e a importância das mulheres no movimento de Jesus. Ele poderia ter aparecido primeiramente aos discípulos homens, mas preferiu aparecer primeiro às discípulas (Brown, 2004, p. 370).

Ele aparece desejando a paz e provocando grande espanto nos presentes. Jesus questiona a perturbação dos discípulos, pois achavam que ele fosse um fantasma. Então, ele pede para que os discípulos o toquem e que lhe deem alguma comida, além de mostrar-lhes suas feridas nas mãos e pés. Assim, o evangelista enfatiza que o Ressuscitado não é mero produto da fantasia humana, nem pode ser confundido com um fantasma ou alucinação (Casalegno, 2003, p. 197).

A relação desta perícopre com a dos discípulos de Emaús aparece em Lc 24,33-35, quando Cléofas e o outro discípulo se levantam e voltam à Jerusalém para partilhar a experiência que tiveram com o Ressuscitado ao longo do caminho de

Emaús. A presente perícopé tem início após essa partilha dos dois, dando continuidade à experiência com o Cristo ressuscitado.

2.5 ANÁLISE NARRATIVA

No conjunto da análise literária dos gêneros literários do Novo Testamento, aparece a análise narrativa, que é um método de interpretação dos textos bíblicos. Todavia, não é criação de exegetas, mas sim da aplicação, ao domínio dos estudos bíblicos, de intuições de estudiosos da literatura e de linguistas que se puseram a estudar a arte da narração e produziram textos teóricos a respeito de textos narrativos.

No contexto da presente seção, será estudada, nesta parte da dissertação, a análise narrativa da perícopé em estudo, que tem como finalidade verificar a maneira como o narrador construiu a narração, tanto em sua estrutura interna quanto em seus ingredientes, modelos e formas de organizá-los.

A análise narrativa se concentra na tríade: narrador-texto-leitor. Ela detecta o ritmo adotado pelo narrador no processo de narrar, o percurso da ação desde a situação inicial até a situação final, os recursos literários utilizados no processo de narrar (suspense, ironia, mal-entendido, repetição) e tudo quanto possa ser útil no processo de captar a mensagem transmitida. O mergulho no texto permite transitar por seus enredos e descobrir elementos que, à primeira vista, ou numa leitura desatenta, passariam despercebidos (Vitório, 2016, p. 34).

A seguir serão abordados e trabalhados os quatro passos da análise narrativa, que são: (I) determinar o enquadramento do relato; (II) diferenciar narração e discurso; (III) encontrar o plano narrativo (IV) e identificar o tipo do plano. Cada um com suas particularidades formam o conjunto da análise narrativa.

2.5.1 Determinar o Enquadramento do Relato

Geralmente as informações mais pertinentes acerca do enquadramento, aparecem no início do relato, podendo também aparecer ao longo do desenvolvimento do texto ou no seu final (Malzoni, 2008, p. 22). No caso do presente relato, aparecem informações importantes no início do texto. Essas informações são a apresentação dos personagens, as indicações de lugar e as indicações de tempo.

Em se tratando dos personagens, o relato fala de dois discípulos, que estavam viajando de Jerusalém para o povoado de Emaús. Um deles se chamava Cléofas, o outro, porém, não é nominado. O personagem seguinte, que também é principal, é o próprio Jesus, que aparece enquanto eles caminhavam e começa a conversar com eles durante o caminho até Emaús.

Quando a análise narrativa é feita, aparecem dois personagens pertinentes por trás da narrativa, que são o narrador e o leitor. Geralmente, o leitor preenche lacunas deixadas pelo narrador, ou então se trata de informações que o narrador não vê como importantes para sua história. Em geral, as narrativas bíblicas são simples e sem muitos detalhes. Tal fato pode provocar um desalinhamento na leitura, proporcionando uma mensagem diferente da que o autor procurava transmitir (Malzoni, 2008, p. 23).

Em se tratando das indicações de tempo e lugar da perícopre, pode-se dizer que o texto ressalta que a morte de Jesus se deu há “três dias” (v. 21), como também, que esse relato lucano se deu ao “cair da tarde e declínio do dia (v. 29). As presentes informações destacam as indicações de tempo. O texto também ressalta que os discípulos estavam indo para “Emaús” (v. 13) e que depois da experiência com o Ressuscitado, os discípulos voltaram para Jerusalém (v. 13 e 33). Essas informações destacam as indicações de lugar.

2.5.2 Diferenciar Narração e Discurso

Um relato pode apresentar apenas narração, sem discurso, como também discurso com narração. No caso, quando existe discurso, o narrador fica mais nos bastidores do relato, cedendo mais espaço para os personagens (Malzoni, 2008, p. 23). No relato em questão, existe uma narração permeada de discurso.

Em outras palavras, o tempo da narrativa não é o mesmo num discurso e numa narração: no caso de um discurso, o tempo da narrativa é igual ao tempo do que está sendo narrado. Na narração, por sua vez, o tempo da narrativa é mais breve, pode ser muito breve, do que o tempo do narrado. O tempo da narrativa pode ajudar a entender o que existe de mais pertinente no relato (Malzoni, 2008, p. 24).

Em suma, na narrativa dos discípulos de Emaús, há a presença marcante do narrador, como também dos personagens, o que caracteriza uma narração com discurso. A seguir, são dados alguns comentários sobre essa alternância de narração e discurso na perícopre trabalhada.

Dos versículos 13 a 16, nota-se a presença marcante do narrador, principalmente nos primeiros versículos do relato. No versículo 17, por sua vez, há um discurso direto feito por Jesus, uma pergunta aos discípulos, cujo tema é a conversa que os discípulos estavam tendo antes de Jesus se aproximar deles.

Dos versículos 18 a 24 aparece outro discurso direto, feito pelo discípulo Cléofas, a resposta à pergunta de Jesus, que expressou a frustração deles em relação à morte de Jesus.

Dos versículos 25 a 27, há outro discurso direto feito por Jesus, como uma chamada de atenção em relação à resposta dos discípulos sobre o tema de sua conversa. Jesus critica a insensatez e a lentidão deles para crer no que os profetas anunciaram, como também há a intervenção do narrador, enfatizando a interpretação da Escritura feita por Jesus.

Dos versículos 28 a 31 há o discurso direto no pedido dos discípulos para Jesus permanecer com eles (v. 29) e há também a intervenção do narrador destacando a proximidade de Emaús (v. 28), como também a experiência que os discípulos tiveram com Jesus ao partir o pão (v. 30-31).

No versículo 32, há um discurso direto feito pelos discípulos após reconhecerem Jesus e falando sobre o ardor dos seus corações, quando ouviram Jesus falar sobre as Escrituras. Do versículo 33 a 35 há a intervenção do narrador falando sobre a decisão tomada pelos discípulos de voltarem para Jerusalém e comunicarem aos apóstolos a experiência que eles tiveram com o Ressuscitado.

Em suma, as observações acima apresentam argumentos pertinentes e contundentes para confirmar a perícopé dos discípulos de Emaús como uma narração com discurso. Em seguida, será estudado como encontrar o plano narrativo.

2.5.3 O Plano Narrativo

Um plano narrativo é desenvolvido em etapas. Essas etapas vão dando corpo à narrativa e conseqüentemente à sua hermenêutica. Aqui, se podem destacar as seguintes etapas: ambientação, enlace, desenvolvimento, clímax e desenlace (Lima, 2014, p. 194). A seguir serão apresentadas essas etapas que compõem o plano narrativo.

A ambientação contém as informações mais pertinentes que o leitor precisa saber para compreender o relato. A ambientação do relato dos discípulos de Emaús

se dá nos versículos v. 13-18, no caminho de Jerusalém para o povoado de Emaús, o que apresenta o percurso da caminhada feita por Jesus e os dois discípulos, caminhada que continua tão presente no contexto eclesial atual.

O enlace ou problematização se dá na temática abordada pelos discípulos com o próprio Jesus, acerca da tristeza e decepção deles com a morte do Mestre. Isso traz um clima de tensão à narrativa, quando Cléofas e o outro discípulo falam das expectativas e esperanças que depositaram na pessoa de Jesus. Porém, viram tudo se perder com sua morte (v. 19-24).

O desenvolvimento, que é o corpo do texto, direciona a busca da solução do problema que apareceu anteriormente. Essa parte pode ser vista no momento em que Jesus responde aos questionamentos dos discípulos explicando as Escrituras, começando por Moisés e percorrendo todos os profetas, como também criticando a insensatez e a lentidão deles para crer e entender no que os profetas anunciaram (v. 25-27).

O clímax aqui pode ser visto no momento da partilha do pão em torno da mesa. No instante em que Jesus tomou o pão, deu graças e o partiu, os olhos dos discípulos se abriram e eles o reconheceram no partir do pão. Nessa ocasião, se dá o clímax do relato, ou seja, seu ponto mais alto (v. 28-32).

Por fim, vem o desenlace, isto é, quando o problema é solucionado. Pode-se relacionar essa etapa ao momento no qual os discípulos tomam a decisão de voltar para Jerusalém e lá darem testemunho da ressurreição de Jesus (v. 33-35).

Portanto, a identificação das etapas que constituem o plano narrativo é essencial para sua hermenêutica. A seguir, será visto como identificar o tipo de plano.

2.5.4 O Tipo do Plano

Existem dois tipos essenciais de planos narrativos: planos de situação e planos de revelação. Cada um, com suas características e peculiaridades, expressa a identidade do plano narrativo (Malzoni, 2008, p. 29).

No caso do plano de situação, existe uma situação que é modificada. Em outras palavras, quando o relato começa mal e termina bem, se chama de comédia; porém, se começa bem e termina mal, se chama de tragédia. Neste caso, o interesse se dirige para a situação dos personagens (Malzoni, 2008, p. 29).

Com relação ao plano de revelação, existe algo ou alguma coisa para ser revelado. O contexto no início do relato é de desconhecimento e no final de conhecimento. A revelação é sempre uma atribuição do narrador. Ele que escolhe revelar o segredo ao leitor no início, no meio ou no fim do seu relato. Quando o segredo é revelado no início, se diz que o leitor está em uma situação privilegiada em relação aos personagens. Por outro lado, quando o segredo é revelado apenas no final do relato, o leitor divide com os personagens a mesma situação. Contudo, é comum que esses dois planos se entrelacem (Malzoni, 2008, p. 29). No caso de Lc 24,13-35, existe um plano de revelação, que é revelado apenas no final do relato para os personagens, no entanto, o leitor sabe desde o início que o homem desconhecido se tratava de Jesus. No momento do partir do pão, os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram que era Jesus quem caminhara com eles.

Na presente unidade, por meio da análise narrativa e seus respectivos passos: determinar o enquadramento do relato, diferenciar narração e discurso, encontrar o plano narrativo e identificar o tipo do plano, foi possível uma maior compreensão acerca da perícopes. Por meio da análise literária, as Sagradas Escrituras podem ser enxergadas muito além da dimensão religiosa, mostrando também suas dimensões literária e artística. A seguir, será estudada a análise semântica.

2.6 ANÁLISE SEMÂNTICA

A semântica é a busca da compreensão do significado de uma palavra no tempo e no espaço em que foi escrita e no contexto em que foi usada. A análise semântica envolve a sintaxe e os antecedentes histórico-culturais de uma palavra (Louw; Nida, 2021, p. 20).

Nesta unidade da dissertação serão identificadas, estudadas e apresentadas as palavras-chave do relato dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). O presente estudo proporcionará o conhecimento lexicográfico de algumas palavras do texto, juntamente com sua etimologia e semântica.

As palavras-chave de um texto são como que sua espinha dorsal, isto é, o que proporciona a montagem do esquema do texto, e, conseqüentemente, sua mensagem. Em se tratando de um texto bíblico, isto não é diferente, pois as palavras-chave dão corpo aos relatos, na medida em que eles foram escritos por

seus autores sagrados. A seguir, serão vistas algumas dessas palavras na perícopé que está sendo estudada.

Eis as palavras estudadas transliteradas com sua tradução básica ao português. Foram sete ao todo: *poreúomai*, *légō*, *ménō*, *kardía*, *egeírō*, *Kýrios*, *ártos*. A tradução em português é a seguinte: viajar, conversar, permanecer, coração, Ressuscitado, Senhor, pão. Essas palavras foram escolhidas por causa da sua pertinência no campo semântico da perícopé em questão.

a) Palavra transliterada: *poreúomai*; palavra em grego: *πορεύομαι*; Significado básico em português: viajar; localização na perícopé: Lc 24,13. Eis alguns sinônimos e possibilidades de tradução da palavra *poreúomai*: caminhar, aproximar, ir e voltar. No dicionário linguístico e bíblico, intitulado “Léxico grego-português do Novo Testamento”, essa palavra aparece com o seguinte significado: deslocar-se numa distância considerável, podendo tanto ser numa única direção como também em série, de um destino ao outro e assim por diante “viajar, ir de caminho, seguir viagem” (Lc 24,13) (Louw; Nida, 2021, p. 167). No dicionário bíblico, intitulado “Dicionário Enciclopédico da Bíblia”, no verbete intitulado “Caminho”, por sua vez, encontra-se a informação que, além das grandes estradas comerciais internacionais, que, atravessando a Palestina, comunicavam a Ásia Menor e a Mesopotâmia com o Egito, a Palestina tinha a sua própria rede de caminhos como ligação entre as cidades e aldeias, tendo Jerusalém como centro. Em geral, os caminhos eram estreitos, feitos para caravanas, nos quais os animais de carga andavam em fila. No Antigo Testamento, a palavra “caminho” ou “caminhar”, é usada também como metáfora: a vida do homem, sua conduta, seu comportamento, seus costumes são chamados de “o caminho do homem”. Por sua vez, “O caminho de Deus”, tem duplo sentido: é o modo de agir de Deus, mas também o caminho que os homens andam, porque Deus assim o mandou: o caminho do Senhor é o comportamento que Deus prescreveu ao homem; o caminho tornou-se, assim, quase sinônimo de mandamento. O israelita tinha consciência de precisar da ajuda de Deus, não apenas para conhecer o caminho de Deus (Sl 25,4), deve também ser guiado por Deus nesse caminho. Ainda no Antigo Testamento, encontra-se o tema dos dois caminhos (Sl 1,6; Jr 21,8). Jesus, adotando a expressão judaica, chamou provavelmente de caminho o conjunto de normas práticas que ocupa lugar tão amplo na sua pregação (Mt 22,16). A doutrina cristã é chamada um caminho

em At 9,12; 18,25, etc. No Antigo Testamento, o caminho não é determinado pelo fim, que atrai o homem e para o qual ele deve tender, mas, antes, pelo mandamento de Deus que está no seu início; no Novo Testamento, porém, Deus é o fim do caminho (Hb 10,19-22; Jo 14,1-4). E o próprio Jesus é o caminho, pois ele, como o filho, tem o poder de levar os seus discípulos para a casa do Pai (Jo 14,5) (Bibl, 2004, p. 229). Por fim, no dicionário teológico, intitulado “Dicionário de temas teológicos da Bíblia”, a palavra *poreúomai* ganha uma conotação ainda maior do que apenas um caminho a ser percorrido. Após ter acenado para a riqueza e para a mobilidade das reinterpretações dos acontecimentos do êxodo no Antigo Testamento, desperta pouca admiração que Lucas, a propósito da conversação que houve no monte entre o Jesus transfigurado, Moisés e Elias, tenha falado do “êxodo ou caminho” (Lc 9,31), que o próprio Senhor teria daí a pouco realizado em Jerusalém, aludindo dessa forma a sua “passagem deste mundo para o Pai (Jo 13,1). Assim sendo, o êxodo ou caminho, ganha uma dimensão muito maior do que a libertação de Israel do Egito e o caminho percorrido até a terra prometida, mas expressa também o caminho aqui na terra, como também, a passagem para a eternidade. Nesse contexto, o próprio Jesus, como também o antigo e o novo Israel fazem parte desse êxodo ou caminho. (Giuntoli, 2022 p. 556). Em relação à importância e ao significado da palavra *poreúomai*, pode-se dizer que essa palavra possui uma significativa relevância no contexto da perícopé dos discípulos de Emaús, pois ela expressa na sua etimologia, luzes futuras para a “sinodalidade”. Primeiramente, é importante ressaltar que o primeiro nome dado ao movimento de Jesus, foi justamente movimento do Caminho (At 9,2; 24,13-16), depois, a maior parte do desenvolvimento da perícopé, se dá com Jesus, Cléofas e o outro discípulo “a caminho para Emaús”, fazendo assim, uma alusão “à caminhada ou sinodalidade” da Igreja (Lc 24,15.17).

b) Palavra transliterada: *légō*; palavra em grego: λέγω; significado básico em português: conversar; localização na perícopé: Lc 24,14. Eis alguns sinônimos e possibilidades de tradução da palavra *légō*: falar, discutir, dizer, declarar, anunciar, explicar, narrar, responder. No dicionário linguístico e bíblico “Léxico grego-português do Novo Testamento”, encontra-se o seguinte significado para *légō*: falar ou conversar, com possível ênfase no

conteúdo que é expresso. “dizer, conversar, contar, falar”. “Um anjo do Senhor apareceu-lhe em sonho e disse” (Mt 1,20). “Simão, tenho uma coisa para te dizer. E ele disse: Fala, Mestre!” (Lc 7,40) (Louw; Nida, 2021, p. 356). No dicionário linguístico e bíblico “Léxico grego-português do Novo Testamento”, encontra-se o seguinte significado para *légō*: as palavras dizer, falar, conversar e contar, são empregadas com a possível implicação de uso mais informal (embora isto não possa ser demonstrado de forma clara e consistente a partir de contextos do Novo Testamento). Exemplos: “E ‘conversavam’ sobre todos os acontecimentos” (Lc 24,14); “Eles lhes ‘disse’: ‘Que palavras são essas que trocáis enquanto ides caminhando’” (Lc 24,17); “Ele então lhes ‘disse’: ‘Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram’” (Lc 24,25); “E disse-lhes muitas coisas em parábolas” (Lc 13,3) (Louw; Nida, 2021, p. 356). Por fim, no dicionário teológico, intitulado “Dicionário de temas teológicos da Bíblia” aparece que, no Terceiro Evangelho o conceito de anúncio torna-se uma chave unificante que liga a ação das testemunhas (Lc 24,48) ao procedimento iniciado pelo Batista com a proclamação de “um batismo de conversão com vistas ao perdão dos pecados (Lc 3,3). Um processo que continua em Atos, no qual o verbo é utilizado para falar de Filipe (At 8,5) e, por duas vezes, de Saulo/Paulo (At 9,20 e 28,31). É importante observar também que o corpo central do relato lucano inicia-se no momento em que Jesus descreve a si mesmo como consagrado com a unção do Espírito, presente nele para um tríplice escopo: anunciar a libertação aos prisioneiros e a vista aos cegos, pôr em liberdade os oprimidos e anunciar o ano da graça do Senhor (Manicardi, 2022, p. 103). Em se tratando da importância e significado da palavra *légō* no texto da perícopa, pode-se afirmar que, a palavra “*légō*” ou seus sinônimos ganham uma considerável pertinência e significado nesse texto, pois é justamente no diálogo ao longo do caminho, que se dá a primeira experiência dos discípulos com o Ressuscitado, que é a partilha da palavra, momento no qual Jesus explica as partes da Escritura que faziam referência a ele, desde Moisés e passando pelos profetas (Lc 24,15).

c) Palavra transliterada: *ménō*; palavra em grego: *μένω*; significado básico em português: permanecer; lugar na perícopa: Lc 24,29. Eis alguns sinônimos e possibilidades de tradução da palavra *ménō*: ficar, persistir,

durar. No dicionário linguístico e bíblico “Léxico grego-português do Novo Testamento”, aparece o seguinte significado para o verbo *mévō*: permanecer no mesmo lugar por um período de tempo, (ficar, permanecer). “Permaneeci aí até deixardes aquele lugar” (Mc 6,10). “Se esses marinheiros não ficarem no navio” (At 27,31). “Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina” (Lc 24,29), (Louw; Nida, 2021, p. 649). Em se tratando do dicionário bíblico “Vida Nova”, está que, nas vezes em que essa palavra ou ideia apareceu no Novo Testamento, diz respeito simplesmente à dependência contínua e paciente dos cristãos em relação a Cristo, ilustrada em especial na parábola da viúva persistente (Lc 18,1) e no relato dos discípulos de Emaús (Lc 24,29). Em ambos os casos, houve persistência de quem pediu (a viúva persistente e os discípulos de Emaús) e atenção de quem permaneceu (Jesus) (Williams, 2000, p. 289). Em suma, o dicionário teológico apresenta que, com a vinda de Jesus, em quem é reconhecida a presença de Deus na carne humana, obediência e escuta completa da vontade do Pai se tornam finalmente uma realidade, não por mérito do homem como tal, mas por mérito daquele que, tendo-se feito “obediente até a morte e a morte numa cruz” (Fl 2,8), se tornou primícias dos que morreram. Jesus se faz obediente ao apelo dos discípulos de Emaús e permanece com eles. Jesus foi obediente ao Pai, quando permaneceu abraçado à sua missão, como também foi obediente quando dava atenção às pessoas que o seguiam ou caminhavam com ele, como foi o caso dos discípulos de Emaús (Gargano, 2022, p. 1039). Com relação à importância e ao significado da palavra *ménō* no texto da perícopa, pode-se dizer que ela tem sua pertinência, pois expressa o pedido dos discípulos para que Jesus permanecesse com eles. A partir dessa permanência aconteceu a experiência com o Ressuscitado ao partir o pão (Lc 24,29).

d) Palavra transliterada: *kardía*; palavra em grego: *καρδία*; significado básico em português: coração; lugar na perícopa: Lc 24,32. Eis alguns sinônimos e possibilidades de tradução da palavra “*kardía*”: centro, interior, íntimo, núcleo. Em relação ao significado da presente palavra, o dicionário linguístico e bíblico “Léxico grego-português do Novo Testamento”, apresenta que, a ampliação metafórica do significado de “*kardía*”, que não aparece no Novo Testamento em seu sentido literal a fonte causativa da vida

psicológica de uma pessoa em seus vários aspectos, mas com ênfase especial nos pensamentos. “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração” (Mt 22,37). “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,32) (Louw; Nida, 2021, p. 288). Já no dicionário bíblico, aparece que a atividade psíquica é geralmente associada, na Bíblia, a vários órgãos do corpo, o principal deles e o mais frequentemente mencionado é o coração. Os antigos desconheciam a circulação do sangue e as funções fisiológicas do coração, mas as reações emocionais são facilmente reconhecíveis, e o coração é o centro principal da atividade emocional do corpo. O coração normalmente também é a sede da razão, onde razão e emoção são integradas. O coração está alegre ou contente (Jo 16,22; At 2,26) (Mckenzie, 1984, p. 167). Em suma, o dicionário teológico, intitulado “Dicionário de temas teológicos da Bíblia”, apresenta que, com mais de 850 ocorrências nas Sagradas Escrituras, o presente vocábulo é o termo mais frequente e o mais importante da antropologia bíblica. Se em alguns casos, precisamente cinco, ele se refere a animais, na maioria das vezes se trata de comparações e exemplos que falam do coração humano (2Sm 17,10; Dn 4,13; Dn 5,21) (Bianchi, 2022, p. 254). Em se tratando da importância e significado da palavra *kardía* na perícopa, pode-se afirmar que essa palavra tem grande importância e significado tanto no contexto bíblico-religioso como no contexto cultural e biológico. Geralmente, o coração aparece como centro de tudo. Culturalmente, ele é símbolo do amor; biologicamente, é ele que bombeia o sangue para todo o corpo, e, no contexto bíblico-religioso, não é diferente. As Sagradas Escrituras apresentam a palavra “coração” inúmeras vezes, como foi mencionado acima. Na presente perícopa, a palavra coração aparece após o momento no qual os discípulos descobrem que o homem que caminhava com eles era Jesus. “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,32). O ardor do coração simboliza uma renovação da fé à luz do Ressuscitado.

e) Palavra transliterada: *Kýrios*; palavra em grego: *Kύριος*; significado básico em português: Senhor; localização na perícopa: Lc 24,34. Eis alguns sinônimos e possibilidades de tradução da palavra *Kýrios*: Senhor, mestre,

lorde, dono. Em se tratando do dicionário linguístico e bíblico, “Léxico grego-português do Novo Testamento”, aparece o seguinte significado para *kýrios*: título atribuído a Deus e a Cristo, aquele que governa a humanidade com autoridade sobrenatural. Os equivalentes mais comuns de “Senhor” são chefe e líder, mas, na maioria dos casos, não se pode usar um termo desses para Deus. No entanto, é possível combinar um termo ou uma expressão dessas com um termo para “Deus”, e formar uma frase que significa “Deus nosso líder” ou “Deus nosso chefe”. Em alguns casos, porém, um termo para *kýrios* tem relação com um verbo que significa “mandar” ou “ordenar”, e, em função disso, “Senhor” é traduzido por “aquele que nos governa” ou “aquele que manda em nós”. Em combinação com “Deus”, a frase fica assim: “Deus, aquele que nos governa” (Louw; Nida, 2021, p. 126). O dicionário bíblico, por sua vez, expõe que, no Antigo Testamento, a palavra correspondente a Senhor é usada para o dono de um escravo, para um esposo e para um rei, principalmente como uma forma polida de tratamento; o termo pode também ser aplicado a qualquer pessoa de classe superior. O termo difere de *baal*, que significa domínio, senhorio, e de *adôn* que significa, de preferência, autoridade, poder de mandar e comandar. É frequentemente atribuído a *YHWH* e sugere sua realeza. Na maioria das ocasiões em que o título é atribuído a *YHWH*, apresenta-se na forma única e gramaticalmente anômala de *Adonay*, “meu Senhor”. O uso e o sentido de *Kýrios*, Senhor, sofre a influência do ambiente em que surgiu o termo na civilização helenística (Mckenzie, 1984, p. 786). Em suma, o dicionário teológico, intitulado “Dicionário de temas teológicos da Bíblia”, apresenta que, habitualmente, com “senhor” se traduz o termo grego *kýrios*, que, no Novo Testamento, tem um uso numericamente consistente (719 ocorrências) e disseminado em quase todos os escritos (as únicas exceções são as cartas de João e a Carta a Tito). O uso neotestamentário do termo, tanto em sentido profano para indicar ou interpelar quem possui uma autoridade social reconhecida e legítima, quanto em sentido religioso como título atribuído a Deus, possui antecedentes no mundo greco-romano, tanto da parte dos judeus como dos pagãos. Em vez disso, singular e particularmente digno de atenção, do ponto de vista teológico é o uso do termo *kýrios* referido a Cristo. Será principalmente esse último aspecto, portanto, que será evidenciado sob o pano de fundo de outros usos em sua origem e significado, em suas

conotações e em suas aplicações ao mistério de Cristo (Barbi, 2022, p. 1379). Com relação à importância e significado da palavra *Kýrios* no texto da perícopa, pode-se dizer que, para os judeus, a palavra *Kýrios*, era um título atribuído, especialmente a Deus. Quando anunciam aos apóstolos a experiência com o Ressuscitado, os discípulos de Emaús o chamam de *Kýrios*. É uma atitude que, mais uma vez, reconhece a divindade de Jesus, dessa vez no contexto de pós-ressurreição (Lc 24,34). Daí o peso de sua importância e significado no texto bíblico.

f) Palavra transliterada: *egeíró*; palavra em grego: ἐγείρω; significado básico em português: erguer-se, ressuscitar, passagem na perícopa: Lc 24,34). Eis alguns sinônimos e possibilidades de tradução da palavra *egeíró*: revivo, reanimar, ressurgir. O dicionário linguístico “Mini Aurélio da Língua portuguesa” apresenta o seguinte significado: ato ou efeito de ressurgir, ressuscitar, levantar, erguer-se, fazer voltar à vida, dar nova existência, fazer reaparecer e tornar a viver após ter morrido (Dos Anjos, 2002, p. 603). No dicionário bíblico, aparece que a ressurreição dos mortos pode ser concebida de duas maneiras: a restituição de uma pessoa morta às condições da vida presente ou a dádiva ao morto de uma nova vida e de uma permanente forma de vida. É a ressurreição no segundo sentido que é propriamente o objeto da crença bíblica. A ressurreição no primeiro sentido é afirmada ou implicada em algumas passagens. No Antigo Testamento, a ressurreição como restituição da vida aparece apenas nas histórias de Elias (1Rs 17,17-24) e de Eliseu (2Rs 4,18-37; 13,20-21). No Novo Testamento, a ressurreição aparece nesse mesmo sentido em alguns milagres de Jesus: a ressurreição da filha de Jairo (Mt 9,18-26; Mc 5,21-42; Lc 8, 40-56), do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17), e a de Lázaro (Jo 11,1-44). A ressurreição de Jesus, por sua vez, está em um outro patamar. Os relatos são mencionados nas seguintes passagens de Lucas: Lc 24,1-12; 24,13-35; 24,36-42; 24,44-49; 24,50-53. Na tradição sinótica, Jesus prediz sua morte e ressurreição diversas vezes (Mt 16,21; 17,9; 17,23; 20,19; Mc 8,3; 9,9; 9,31; 10,34; Lc 9,22; 18,33). Essas predições são acompanhadas por informações explícitas de que elas são incompreensíveis para os discípulos. Além disso, os próprios relatos da ressurreição enfatizam a dúvida e a incerteza dos discípulos. As predições demonstram que o próprio Jesus dera algumas explicações do significado de

sua morte e ressurreição em termos obscuros, mas essas explicações não foram compreendidas logo e sequer no momento da ressurreição. A clareza do significado foi dada aos discípulos somente depois de Pentecostes (Mckenzie, 1984, p. 723-724). Por fim, o dicionário teológico, intitulado “Dicionário de temas teológicos da Bíblia”, expõe que, ao percorrer os textos do Novo Testamento, é surpreendente a variedade de modos como se fala da ressurreição de Jesus. Isso demonstra que a ressurreição penetrava e modelava todas as manifestações da existência cristã. As comunidades cristãs desde sempre compreenderam a si mesmas partindo da fé na ressurreição, e nessa fé encontraram a coragem para ler suas histórias e para decidir suas escolhas (Maggioni, 2022, p. 1258). Com relação à importância e ao significado da palavra *Egeirō* no texto da perícopes, pode-se dizer que ela é uma das palavras-chave dessa dissertação, pois apresenta a experiência que o discípulos de Emaús tiveram com o Ressuscitado, expressando assim uma grande importância e profundo significado no texto bíblico. No texto da perícopes, depois que eles se dão conta que estavam com o Ressuscitado, voltam para Jerusalém, a fim de anunciar essa experiência aos apóstolos (Lc 24,34).

g) Palavra transliterada: *ártos*; palavra em grego: *ἄρτος*; significado básico em português: pão; localização na perícopes: Lc, 24,35. Eis alguns sinônimos e possibilidades de tradução da palavra *ártos*: alimento, comida, hóstia, maná, partilha, caridade. Em relação ao dicionário linguístico e bíblico, “Léxico grego-português do Novo Testamento”, apresenta-se o seguinte significado para *ártos*: um pão relativamente pequeno e geralmente de formato arredondado (bastante menor do que o pão costuma ser hoje em dia, e mais parecido com um pão hambúrguer) (Louw; Nida, 2021, p. 46). Já o dicionário bíblico, expõe que o pão era o principal elemento da alimentação, tanto no Antigo como no Novo Testamento. O pão comum era feito de farinha de cevada; o pão de trigo era um luxo. O pão era cozido todo dia, sendo feito pelas mulheres ou pelos escravos, embora não faltassem padeiros de profissão (Jr 37,21). Na Bíblia, frequentemente, pão significa alimento em geral, como na oração do Pai-nosso. O pão da proposição era um pão ofertado no santuário. Um pedaço de pão era a recompensa de uma prostituta (Pr 6,26). Comer pão no Reino de Deus significa participar do

banquete messiânico (Lc 14,15). Falando da Eucaristia, Jesus chama-se a si mesmo de verdadeiro pão, pão da vida, pão que desce do céu (Jo 6,35). A participação na Eucaristia simboliza a unidade dos cristãos em um só pão e em um só corpo (1Cor 10,17) (Mckenzie, 1984, p. 629). Finalmente, o dicionário teológico, intitulado “Dicionário de temas teológicos da Bíblia”, explica que a expressão “ceia do Senhor” (1Cor 11,20), confirmada na severa admoestação do apóstolo Paulo dirigida aos cristãos de Corinto, representa a mais antiga denominação do rito que os primeiros cristãos celebravam “no primeiro dia da semana, reunidos para partir o pão” (At 20,7). A essa dupla terminologia se lhe acrescentou muito cedo outra nova, que se afirmou em todas as tradições e foi traduzida para todas as línguas. Trata-se da semântica “Eucaristia”, de matriz grega, mas de ascendência certamente semita. Embora destinada a designar o efeito do rito, ela conotava originalmente a ação ritual, como as locuções “ceia do Senhor” e “fração do pão” (Giraud, 2022, p. 522). Em se tratando da importância e significado da palavra *ártos* no texto da perícopa, pode-se afirmar que se encontra no contexto da refeição na qual Jesus se revela aos discípulos, pois ele se faz conhecer justamente no partir do pão. Aqui se pode interpretar também como uma Eucaristia, pois também na Eucaristia, o Senhor se faz conhecido e tocado (Lc 24,30). Por isso, a Eucaristia de hoje possibilita viver a mesma experiência que os discípulos de Emaús viveram com o Ressuscitado.

Esta unidade apresentou as palavras-chave da perícopa dos discípulos a caminho de Emaús. Algumas dessas palavras trazem com elas um conjunto de palavras sinônimas, isto é, palavras com o mesmo significado. Como também a pertinência dessas palavras é apresentada através da sua etimologia, pesquisada em dicionários linguísticos, bíblicos e teológicos. A importância de conhecer bem as palavras-chave de uma perícopa, está em que elas dizem muito sobre a hermenêutica do texto bíblico, o que proporciona ao leitor uma melhor compressão da mensagem revelada, como também as características do vocabulário usado pelo autor sagrado.

Em suma, a análise semântica possibilita a correta hermenêutica acerca da etimologia das palavras, por meio do estudo da origem das mesmas, ou seja, de onde surgiram e como evoluíram. A análise semântica envolve a sintaxe e os

antecedentes histórico-culturais, como também proporciona o conhecimento lexicográfico de algumas palavras do texto, juntamente com sua etimologia e semântica. Nesse contexto, a presente unidade apresentou e pesquisou a semântica de sete palavras, que possuem relevância na perícopre dos discípulos de Emaús, como uma espécie de espinha dorsal do texto, o que possibilitou uma melhor compreensão do texto bíblico com o estudo de suas respectivas palavras-chave.

2.7 SÍNTESE DA UNIDADE

O capítulo 24 de Lucas, no qual está inserida a perícopre dos discípulos de Emaús oferece uma espécie de síntese da versão lucana do evangelho. Dessa forma, o autor sagrado apresentou a pedagogia de Jesus por meios de suas palavras e atos. Por meio da comparação e atualização dessa pedagogia de Jesus, foi possível perceber como a mensagem do Nazareno está presente e como ela pode ser aplicada nas comunidades.

Primeiramente foi apresentado o texto da perícopre em questão, em seguida foram trabalhadas as variantes textuais, que apresentaram as diferentes formas textuais que se encontram nos manuscritos antigos da Bíblia, como também a delimitação do texto, que aponta onde começa e onde termina a perícopre.

O trabalho com as variantes textuais possibilitou um maior conhecimento dos manuscritos antigos da Bíblia. Eles apresentam uma vasta riqueza histórica, que ajudam a fazer uma melhor hermenêutica do texto bíblico. A delimitação do texto é outro elemento de grande pertinência para o estudo da presente perícopre, pois ela permite identificar com precisão onde o texto tem início e fim.

Posteriormente, foi apresentada uma visão geral do Evangelho lucano. Inicialmente, no contexto amplo, isto é, em toda a versão lucana do evangelho; depois, no contexto próximo, isto é, apenas no capítulo 24 desse Evangelho, no qual está situada a perícopre.

Trabalhar a visão geral da versão lucana do Evangelho, em seu contexto amplo, permitiu fazer uma ligação do presente relato com o Terceiro Evangelho. Dessa forma, foi possível perceber as conexões dos discípulos de Emaús com outras perícopes de Lucas, possibilitando assim, uma visão mais ampla e uma hermenêutica mais profunda acerca da obra lucana.

Em seguida, foram vistas as análises: a análise narrativa com o elenco dos personagens do relato, anotações de tempo e de lugar, e a alternância entre

narração e discursos diretos e a análise semântica, com a identificação das palavras-chave do relato e a apresentação do significado das mesmas.

A análise narrativa possibilitou conhecer melhor o texto bíblico em suas entrelinhas e sua compreensão enquanto literatura, transparecendo as ideias principais do autor, o que favoreceu a compreensão do todo. A análise semântica, por sua vez, permitiu um melhor conhecimento das principais palavras da perícopes. Tais palavras apresentaram uma síntese da mensagem do autor, como uma espécie de espinha dorsal do relato. Isso permitiu um melhor entendimento da perícopes em questão e, conseqüentemente, uma intimidade mais profunda com a obra lucana.

Por fim, essa parte da dissertação inseriu o leitor no contexto da perícopes, levando-o a compreender a mensagem que o autor sagrado quis transmitir sobre a experiência que Cléofas e o outro discípulo tiveram com o Ressuscitado a caminho de Emaús. Dessa forma, foi possível se inserir melhor no contexto do texto bíblico e no âmbito do autor sagrado.

A seguir, será apresentada a próxima unidade desta dissertação, que trata da hermenêutica eclesial da perícopes dos discípulos de Emaús. Fazendo um estudo em uma dimensão mais pastoral do texto bíblico, a unidade seguinte apresentará uma reflexão sobre as leituras eclesial, catequética e eucarística de Lc 24,13-35.

3. HERMENÊUTICA ECLESIAL DO TEXTO

Esta unidade da presente dissertação tem como objetivo fazer uma análise mais aprofundada sob uma perspectiva eclesial da perícope em análise. Buscam-se os aspectos sinodais relacionados ao relato dos discípulos de Emaús e explorar suas implicações significativas para a vida e missão da Igreja. Esta análise será conduzida considerando quatro pontos fundamentais no tema: a leitura eclesial, a abordagem catequética, a dimensão eucarística do texto e a síntese da unidade.

Para começar, será realizada uma análise da leitura eclesial do texto, examinando como a narrativa dos discípulos de Emaús ressoa na identidade e na missão da comunidade cristã. Serão explorados os elementos que evidenciam a comunhão, a solidariedade e a partilha dentro da comunidade dos seguidores de Jesus, destacando-se sua relevância para a vivência eclesial contemporânea.

Em seguida, será abordada a leitura catequética, que busca compreender como o relato dos discípulos de Emaús pode ser utilizado como recurso para o ensino e a formação dos fiéis. Serão identificados os princípios catequéticos e pedagógicos presentes na narrativa, visando a sua aplicação prática na transmissão da fé e na educação religiosa dentro da comunidade eclesial.

Por fim, será analisada a leitura eucarística do texto, explorando o significado eucarístico da cena em que Jesus se revela aos discípulos na fração do pão. Serão destacadas as conexões entre esta cena e o sacramento da Eucaristia, bem como as implicações para a celebração litúrgica e a espiritualidade dos fiéis.

Assim, através desta abordagem hermenêutico-eclesial, busca-se não apenas compreender o texto em sua dimensão histórica e teológica, mas também discernir suas aplicações práticas e espirituais para a vida da comunidade cristã e sua missão no mundo contemporâneo.

3.1 LEITURA ECLESIAL

A leitura eclesial de Lc 24,13-35 faz uma ligação da referida perícope com a vivência na Igreja. No atual contexto eclesial, fala-se muito em sinodalidade. Isso se deve, em grande parte, ao sínodo convocado pelo Papa Francisco. Todavia, a sinodalidade, isto é, “o caminhar juntos” sempre existiu na Igreja. Por sinal, a Igreja inicia sua caminhada com esse pensamento, desde que Jesus chamou os doze apóstolos. A seguir, serão estudados os aspectos sinodais da presente perícope,

suas implicações para a vida eclesial, os caminhos possíveis para a renovação eclesial, e a relação entre sinodalidade e missão.

3.1.1 Aspectos Sinodais de Lc 24,13-35

Os aspectos sinodais, presente na referida perícopa, têm início com a iniciativa de Jesus de perguntar o que estava acontecendo a Cléofas e ao outro discípulo. Posteriormente, Jesus os escuta por um tempo, enquanto caminha com eles. Os discípulos estavam com um vazio interior provocado pelo luto e pela decepção, não só em relação à morte de Jesus, mas também em se tratando da morte de toda expectativa que ele trouxera para Israel (Barreiro, 2001, p. 32).

Quando surgiu o movimento de Jesus, não se falava em sinodalidade. Porém, quando, por esse termo, se entende um princípio de ação oposta ao princípio hierárquico/verticalista, um modo de resolver problemas sem intenção de um centro decisório, ou seja, decisões mais comunitárias e sinodais, decididas mais no âmbito horizontal do que vertical. Com isso, pode-se afirmar que o movimento de Jesus, em seus primórdios, vivenciou aspectos sinodais.

A partir dos anos 50, aparece, no seio do movimento de Jesus, uma proposta articulada pelo apóstolo Paulo e sua equipe, no sentido de encaminhar questões pendentes sem apelar a alguma instância decisória. No momento que essa proposta é acolhida e resulta em ações concretas no agir diversificado das comunidades, pode-se falar em sinodalidade, um modo de atuar no qual a regra é a horizontalidade no trato de questões (1Cor 12,12-17; Rm 12,4-5, Ef 4,4) (Passos; Suess, 2023, p. 21).

O caminho sinodal proposto pelo Papa Francisco, com vistas à preparação do Sínodo de 2023, permitiu abrir uma reflexão de forma mais ampla sobre a questão do laicato. Ao contrário das construções anteriores, o processo sinodal permite repropor todas as questões com base em uma nova perspectiva: a escuta mútua a partir dos lugares de fala que se tem no conjunto eclesial. Em outras palavras, sinodalidade não se reduz ao significado etimológico da palavra: “caminhar juntos”. Ser sinodal e estar em processo de “sinodalização” da Igreja consiste, antes e prioritariamente, em “dar voz” de forma ampla e igualitária a todos e a todas que compõem o conjunto da comunidade eclesial (Passos; Suess, 2023, p. 44).

Em suma, a referida perícopa expressa, por meio do gesto de Jesus caminhar junto com os discípulos (etimologia da palavra sinodalidade), luzes hermenêuticas

para a atual sinodalidade proposta pelo Papa Francisco. Essa experiência, se bem vivenciada nas comunidades, no contexto do sínodo sobre a sinodalidade, certamente motivará a caminhada sinodal.

3.1.2 Implicações para a Vida Eclesial

A vivência eclesial atual é marcada por muitos desafios. Fazendo uma ligação da perícopa dos discípulos de Emaús com a vivência eclesial, destaca-se aqui a expressão “na mesma hora voltaram para Jerusalém”, a pressa dos discípulos para empreender um novo rumo em suas vidas, operado pelo encontro com o Ressuscitado. “Voltar” é uma das palavras preferidas de Lucas, pois ela aparece 25 vezes na versão lucana do Evangelho. Em se tratando do presente relato, é usada para dizer que os dois “voltaram para Jerusalém”, de onde o evangelho deverá irradiar e chegar a todas as nações (Barreiro, 2001, p. 57).

As experiências do encontro pessoal com o Ressuscitado nas Sagradas Escrituras são muito variadas e, ao mesmo tempo, absolutamente singulares. No entanto, no contexto atual, a experiência de cada pessoa deve ser inserida na comunidade eclesial. Dessa forma, a Igreja será sempre enriquecida novamente com os dons recebidos por cada um dos discípulos. Nesse sentido, pode-se dizer que a dimensão comunitária é constituída pela experiência do encontro com o Ressuscitado na vida da comunidade, edificada a partir da nossa experiência eclesial e pastoral (Barreiro, 2001, p. 58).

Após o reencontro e o reconhecimento de Jesus, Cléofas e o outro discípulo sentem a necessidade de voltar imediatamente para Jerusalém para comunicar aos outros discípulos a alegria do encontro com o Ressuscitado. Se antes a tristeza e a decepção da morte de Jesus tomavam conta deles, agora a experiência do reencontro com o Ressuscitado os encheu de alegria e esperança. Agora, eles fazem o caminho de volta, pois o medo e o desânimo que sentiam foram superados pela luz da ressurreição. Não existem mais obstáculos que os impeçam de retomar a missão (Barreiro, 2001, p. 58).

Pode-se fazer uma comparação desse reavivamento da fé dos discípulos com a ressurreição espiritual e pastoral de alguns membros da Igreja Católica. Assim como os discípulos de Emaús disseram: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,32). Esse “ardor

do coração”, significa uma ressurreição espiritual e pastoral. Em outras palavras, expressa uma nova motivação na vida eclesial.

Pode-se dizer que a atitude dos discípulos de voltar para Jerusalém, significa voltar para a Igreja ou reavivar a fé dos seus membros. A sensação de tristeza e decepção que os discípulos estavam sentindo, antes de reconhecer Jesus, é a mesma sensação que alguns membros da Igreja sentem nos tempos atuais, por vários motivos. Essa mesma experiência que Cléofas e o outro discípulo tiveram com o Ressuscitado a caminho de Emaús, é proposta hoje pelo Papa Francisco no Sínodo sobre a sinodalidade. O que se espera é que a Igreja em seus diversos ministérios, estejam abertos à essa proposta.

Um sinal que pode ser comparado a um aspecto de morte na vida eclesial é o êxodo de católicos para outras denominações cristãs, como também o baixo número de vocações. A cada década, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra através do Censo, que a porcentagem de católicos no Brasil cai 10% (Estatísticas Sociais, 2012). Com o número de vocações não é muito diferente. O tema do Terceiro Ano Vocacional do Brasil, “Corações ardentes, pés a caminho” (Lc 24,32-33), também bebe da fonte da perícopes dos discípulos de Emaús, para apresentar um novo ardor vocacional à Igreja do Brasil. A reflexão apresentada pelo tema do ano vocacional, resgata um elemento pertinente, que, às vezes, é colocado de lado no contexto de vocação: o fato de que Deus está agindo na história e o faz não apenas quando chama alguém, mas durante todo o caminho vocacional, que segue como graça. Mesmo que os tempos tenham se apresentado muito hostis à humanidade e muitos tenham se alimentado dessa hostilidade, o presente Ano Vocacional da Igreja no Brasil se mostra pertinente, não apenas por causa da anamnese vocacional que é feita, como também porque novamente faz um convite para os clérigos, religiosos, leigos e vocacionados em geral, a abraçar o encanto do chamado que se sentia no início da caminhada (Vocação: 2023, p. 69).

Portanto, o relato estudado apresenta implicações pertinentes e atuais para a vida da Igreja, que podem contribuir consideravelmente se bem aplicadas ao processo sinodal atual vivenciado por toda a Igreja. É preciso ser uma Igreja que caminha literal e pastoralmente, para, dessa forma, se abrir à experiência com o Ressuscitado ao longo do caminho.

3.1.3 Caminhos Possíveis para a Renovação Eclesial

Assim como a Igreja primitiva passou por dificuldades, a Igreja de hoje também tem as suas. Foi observado que os problemas enfrentados pelos discípulos de Emaús foram superados após a iniciativa de Jesus. Para superar ou pelo menos amenizar as crises da Igreja de hoje, faz-se necessário que seus líderes e membros em geral, se deixem iluminar pelas atitudes de Jesus e tomem iniciativas semelhantes às que Ele tomou no caminho de Emaús, como o gesto de caminhar junto com os discípulos (É preciso ser uma Igreja que caminha na unidade), e o gesto de partilhar as Sagradas Escrituras, o que gerou a experiência com o Ressuscitado no partir do pão. Para isso, a Igreja tem muitos homens e mulheres de grande espiritualidade e talento. Nesse contexto, há movimentos, comunidades, ministérios, além de clérigos e leigos, que são verdadeiras luzes, que ajudam com soluções, diante das dificuldades, como também, com orientações de alguns autores que podem ajudar (Martin, 2023, p. 187).

Segundo o teólogo Ralph Martin, autor do livro “Igreja em crise, caminhos possíveis”, a Igreja precisa fazer um *mea culpa*, reconhecendo seus erros e se arrependendo deles. O arrependimento é o primeiro passo para a mudança. Todos os membros têm sua parcela de culpa nesse contexto difícil, pois muitas vezes, falta humildade para reconhecer os erros e parar de justificá-los. Hoje, se vive em um mundo de extremos, tanto para um lado, como para o outro. Há aqueles que são extremamente progressistas e aqueles que são extremamente conservadores. É difícil a sociedade aderir a um equilíbrio, pois como diz o famoso provérbio latino *virtus in medio*, é preciso buscar também um equilíbrio nesse contexto eclesial, cada um deve viver o seu jeito de ser Igreja e respeitar o jeito de ser Igreja do outro. Tendo a consciência de que o respeito pelo jeito de ser Igreja do outro também faz parte da radicalidade do evangelho. Além disso, todos os membros, desde os ministros ordenados, passando pelas lideranças pastorais e chegando aos leigos mais simples, devem fazer uma autocrítica e se arrepender de seus erros extremistas para buscar um equilíbrio eclesial (Martin, 2023, p. 279).

Trata-se do arrependimento à luz da eternidade que o Papa João Paulo II modelou, ao exortar os membros da Igreja a um solene arrependimento dos pecados em preparação para o alvorecer do novo milênio e a esperada nova primavera do cristianismo. É importante ressaltar aqui que, entre os vários eventos do ano jubilar de 2000, ganhou relevância o pedido de perdão feito pelo Papa em 12 de março daquele ano. Foi um exame de consciência de toda a Igreja em relação à caminhada

eclesial até aquele presente momento. Pode-se dizer que esse evento produziu uma nova renovação espiritual na Igreja (Martin, 2023, p. 286).

Um dos objetivos do Concílio Vaticano II foi ajudar a Igreja a desenvolver uma nova abordagem em relação às realidades modernas, o que tornaria sua missão evangelizadora mais eficaz. A estratégia pastoral da Igreja tinha de muitas maneiras, se fixado em perspectivas que remontavam à época da Reforma protestante, da Revolução Francesa e da “era revolucionária” na Europa. As realidades geradas pelos eventos históricos citados acima precisavam ser consideradas na estratégia pastoral da Igreja, mas eventos que vieram em seguida também pediam deliberação. O Concílio veio ajudar a Igreja a colocar isso em prática (Martin, 2023, p. 310).

Em suma, toda renovação, passa por um processo penitencial, que leva a uma conversão. Nesse sentido, para abraçar caminhos possíveis de renovação eclesial, se faz necessário um *mea culpa*, reconhecendo os erros do passado e do presente, para buscar acertar no futuro.

3.1.4 Aspectos Sinodais e Missão

A experiência dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) ajuda a compreender o vínculo entre sinodalidade, eucaristia e missão. Eles estavam dispersos e perplexos com a aparente conclusão da missão de Jesus. Estavam indo na direção contrária a Jerusalém, onde deveriam estar juntos com os outros. Todavia, no caminho, são tocados por um encontro que transforma radicalmente suas vidas. O coração dos discípulos estava marcado por um grande vazio trazido pela morte do líder que ressuscitara as esperanças mais profundas da fé do povo de Israel e em seguida foi crucificado. Ao longo do caminho, eles vão recordando os acontecimentos vividos por Jesus. Na presença de Jesus, essa recordação vai ganhando um clima de intimidade, a ponto de os discípulos pedirem a Jesus para permanecer com eles naquela noite: “Permaneça conosco, pois cai a tarde e o dia já declina” (Lc 24,29). A escuta da Palavra foi gerando o desejo da presença do Senhor. A recordação da Palavra não é apenas um retorno ao passado, mas ela gera proximidade e intimidade com o Senhor (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 123).

Para conhecer o Senhor, é necessário acolher sua presença, que deseja caminhar com seus discípulos. É preciso deixar-se cativar por ele e fazer a experiência da partilha do pão. Esse itinerário vai levando Cléofas e o outro discípulo a um processo de conversão, que envolve toda existência. Jesus aceita permanecer

com eles e, ao partilhar o pão, seus olhos se abriram e eles o reconheceram. A partir daí, se deram conta do quanto seus corações ardiavam enquanto ele explicava as Escrituras. Isso traz mudanças no modo de pensar e agir dos discípulos. Essa experiência com o Ressuscitado foi a virada de chave na vida deles, pois ressignificou o sentido do caminho e da missão, proporcionando, desse modo, novas perspectivas e motivações (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 124).

Portanto, a sinodalidade e a missão que brotam do encontro com Cristo não devem ser compreendidas simplesmente de forma programática, como um desenvolvimento de ações missionárias, mas sim de forma paradigmática, isto é, a missão é o paradigma de tudo que somos e fazemos. Esta concepção paradigmática da missão ajuda a compreendê-la no seu sentido mais profundo. Em outras palavras, a missão é a forma de ser no mundo, é o estilo de vida daqueles que são discípulos e discipulas de Jesus, pois nasce do coração da Santíssima Trindade e é a natureza da Igreja (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 127).

3.1.5 Sinodalidade na Vida e Missão da Igreja

“O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do Terceiro Milênio”: esse é o empenho programático proposto pelo Papa Francisco na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos pelo Papa Paulo VI. De fato, a sinodalidade, ressaltou ele, “é dimensão constitutiva da Igreja” de modo que “aquilo que o Senhor pede, em certo sentido, já está tudo contido na palavra ‘sínodo’” (Comissão Teológica Internacional, 2021, p. 11).

Enquanto o conceito de sinodalidade recorda o comprometimento e a participação de todo o povo de Deus na vida e na missão da Igreja, o conceito de colegialidade precisa o significado teológico e a forma de exercício do ministério dos bispos a serviço da Igreja particular confiada ao cuidado pastoral de cada um e na comunhão entre as Igrejas particulares no seio da única e universal Igreja de Cristo, mediante a comunhão hierárquica do Colégio episcopal com o Bispo de Roma (Comissão Teológica Internacional, 2021, p. 11).

Os frutos da renovação propiciada pelo Vaticano II na promoção da comunhão eclesial, da colegialidade episcopal, da consciência e da praxe sinodal foram ricos e preciosos. Porém, são muitos os passos que faltam ser dados da direção apresentada pelo Concílio. Hoje, aliás, o impulso para realizar uma importante figura sinodal de Igreja, ainda que seja amplamente compartilhado e

tenha experimentado positivas formas de realização, mostra-se necessitado de princípios teológicos claros e de orientações pastorais incisivas. Disso, deriva o limiar de novidade que o Papa Francisco convida a atravessar. No caminho apresentado pelo Vaticano II e percorrido pelos seus predecessores, ele destaca que a sinodalidade exprime a figura de Igreja que brota do evangelho de Jesus e que é chamada a encarnar-se hoje na história, expressando uma finalidade criativa à Tradição (Comissão Teológica Internacional, 2021, p. 15).

Em se tratando da relação da sinodalidade com as Sagradas Escrituras, percebe-se que, Jesus é o peregrino que proclama a boa-nova do Reino de Deus (Lc 4,14-15; 8,1; 9,57; 13,22; 19,11) anunciando “o caminho de Deus” (Lc 20,21) e traçando a sua direção (Lc 9,51-19,28). Aliás, ele mesmo é o “caminho” (Jo 14,6) que leva ao Pai, comunicando aos homens no Espírito Santo (Jo 16,13) a verdade e a vida na comunhão com Deus e com os irmãos. Viver a comunhão de acordo a medida do mandamento novo de Jesus significa caminhar juntos na história como povo de Deus da nova aliança, correspondendo ao dom recebido (Jo 15,12-15). Um ícone vivo da Igreja como povo de Deus, guiado ao longo do caminho pelo Senhor Ressuscitado que o ilumina com a sua Palavra e o nutre com o Pão da vida, é desenhado pelo evangelista Lucas na narração dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) (Comissão Teológica Internacional, 2021, p. 19).

Ainda dentro do contexto da obra lucana, os Atos dos Apóstolos comprovam alguns pertinentes momentos no caminho da Igreja apostólica nos quais o povo de Deus é chamado ao exercício comunitário do discernimento da vontade do Senhor Ressuscitado. O protagonista que guia e orienta este caminho é o Espírito Santo, propagado sobre a Igreja no dia de Pentecostes (At 2,2-3). É responsabilidade dos discípulos, no exercício de suas respectivas funções, colocar-se na escuta da sua voz para discernir o caminho a seguir (At 5,19-21; 8,26.29.39; 12,6-17; 13,1-3; 16,6-7.9-10; 20,22). São exemplos disso, a escolha dos “sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e sabedoria”, aos quais os Apóstolos confiam a missão de servir às mesas (At 6,1-6) e o discernimento da relevante questão da missão junto aos gentios (At 10) (Comissão Teológica Internacional, 2021, p. 20).

Sinodalidade e ressurreição possuem uma relação na práxis da fé, pois o desígnio do Pai se cumpre escatologicamente na Páscoa de Jesus, quando ele doa a sua vida para retomá-la nova na ressurreição (Jo 10,17) e compartilhá-la como vida filial e fraterna aos seus discípulos na efusão sem medida do Espírito Santo (Jo 3,34). A Páscoa de Jesus é o novo êxodo que reúne na unidade todos aqueles que

na fé creem nele (Jo 11,52) e que ele conforma a si mediante o batismo e a Eucaristia. A obra da salvação é a unidade pedida por Jesus ao Pai na iminência da paixão: “A fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21). Dessa forma, a sinodalidade também é uma experiência com o Ressuscitado (Comissão Teológica Internacional, 2021, p. 19).

O propósito do caminho do povo de Deus é a Nova Jerusalém, envolvida pelo esplendor irradiante na glória de Deus na qual se celebra a liturgia celeste. O livro do Apocalipse contempla ali “o Cordeiro em pé, como imolado”, que resgatou para Deus com o seu sangue “homens de todas as tribos, línguas, povos e nações” e fez deles “para o nosso Deus, um reino de sacerdotes, e reinarão sobre a terra”; da liturgia celeste participam os anjos “seu número era de milhões de milhões e milhares de milhares” (Ap 5,11) com todas as criaturas do céu e da terra. Então se cumprirá a promessa que contém o sentido mais profundo do divino desígnio de salvação: “Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão seu povo, e ele, Deus-com-eles, será o seu Deus” (Ap 21,3) (Comissão Teológica Internacional, 2021, p. 23).

Em suma, a experiência de Emaús mostra que a partilha da Palavra e a partilha do pão produziram nos discípulos o espírito de conversão que os motivou a fazer o caminho de volta para Jerusalém. Todavia, o caminho da volta ganha uma nova motivação em relação ao caminho da ida. Não há mais a tristeza e frustração oriundas da morte, mas sim a alegria e a esperança provenientes da experiência de caminhar juntos com o Ressuscitado. A seguir, a próxima sessão apresentará a leitura catequética da presente perícopes.

3.2 LEITURA CATEQUÉTICA

A catequese do relato de Emaús é algo muito evidente e pertinente. O diálogo de Jesus com Cléofas e o outro discípulo, cujo nome não é mencionado, expressa uma catequese bem atual e produtiva. Jesus é esse catequista que cativou os catequizandos e transmitiu não só ensinamentos, como também experiência. Essa catequese renovada ressuscitou a fé dos discípulos de Emaús, que, depois de enxergarem o mestre, voltaram para a fonte da catequese cristã, que é Jerusalém.

Nesse contexto, esta unidade fará um estudo sobre Jesus, como o grande catequista de Emaús, os discípulos como os catequizandos de Emaús, os aspectos catequéticos de Emaús na vida eclesial atual, o uso da Bíblia na catequese, e a Bíblia e a catequese renovada.

3.2.1 Jesus: O Grande Catequista de Emaús

A catequese aplicada por Jesus aos discípulos no relato de Emaús é uma excelente inspiração para a catequese bíblica atual. No decorrer da caminhada que Jesus fez com os discípulos, ele explicou a sua própria missão, através de uma catequese bíblica, passando por Moisés e percorrendo todos os profetas, interpretou todas as passagens da Escritura que faziam referência ao Messias.

Jesus Cristo é certamente a expressão mais alta, absolutamente única e definitiva da comunicação de Deus com a humanidade. Na pessoa dele, Deus não se limita a manifestar algo de seu amor. Deus se dá a si mesmo. Jesus é a encarnação, na natureza humana, do Verbo. Afinal, ele é a própria Palavra de Deus feita carne (Jo 1,14).

Dessa forma, Jesus Cristo se torna para os seres humanos de todos os tempos, caminho, verdade e vida (Jo 14,6). Apenas por ele se tem acesso ao Pai, pois, nele, se dá a plenitude da revelação divina. Por isso, após Jesus, já não se esperam novas revelações. Todavia, é pertinente observar como Jesus revela o Pai. Novamente, depara-se com a presença de acontecimentos e palavras estritamente unidos. Sua encarnação, sua vida terrena, especialmente sua morte e ressurreição são fatos nos quais a fé conhece Deus que se revela e se comunica. O sentido desses fatos se torna acessível ao leitor pelas próprias palavras de Jesus, que se compreende com a ajuda do Espírito Santo e da Igreja (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2023, p. 25).

Portanto, é pertinente destacar, para a catequese, que Jesus, em sua pedagogia, para levar seus ouvintes à plenitude da fé, não desprezou a história anterior da revelação, isto é, o Antigo Testamento, como também recorreu às situações de vida e à experiência das pessoas, educando-as para que reconheçam nelas os apelos de Deus.

3.2.2 Os Discípulos: Os Catequizandos de Emaús

Cléofas e o outro discípulo, cujo nome não é mencionado, acolheram com muita alegria a catequese aplicada por Jesus no percurso sinodal até Emaús. Pode-se fazer uma relação entre a escuta desses discípulos e a escuta de Maria que parou tudo para ouvir Jesus falar (Lc 10,38-42). Em ambos os casos, os personagens que ouviam Jesus valorizaram muito sua catequese e o escutaram com muita atenção e prazer.

Em se tratando da identidade desses dois discípulos, pode-se dizer, primeiramente sobre Cléofas, que o historiador palestinese Hegesipo afirma que ele é irmão de José e pai de Judas e Simão. Além disso, ele também é identificado no Evangelho segundo João como marido de Maria de Cléopas, a mesma chamada de irmã de Maria, mãe de Jesus (Jo 19,25).

Como Maria de Cléopas é mãe de Tiago Menor, de José, de Judas e de Simão, naturalmente Cléopas é o pai deles, pai de três apóstolos. Segundo Eusébio e São Jerônimo, Cléopas era natural de Emaús. Em Emaús, conforme uma antiga tradição, Cléopas, “testemunha da Ressurreição”, foi trucidado por seus conterrâneos, intolerantes do seu zelo e da sua certeza de fé no Messias Ressuscitado. São Jerônimo assegura que já no século IV sua casa tinha sido transformada em igreja (Sgarbossa; Giovannini, 1983, p. 306).

Com relação ao outro discípulo, não nomeado, pode-se falar, de acordo com o Prof. Fr. Luc Delillers, OP, sobre algumas suposições. Uma das mais comuns afirma que não nomear um personagem de um relato bíblico, seria um artifício do autor sagrado para criar um processo literal, no qual o leitor se coloca no lugar desse personagem sem nome. Outra suposição seria de que esse discípulo não nomeado seria o próprio Lucas. Porém, essa hipótese não tem muita força. Uma terceira suposição, que vem ganhando mais força é a de que o discípulo não nomeado seja uma mulher (PPGTEO UNICAP, 2021).

O fundamento mais forte para essa suposição é uma intertextualidade que compara Lc 24,31 com Gn 3,7. Em ambas as passagens se constatam algumas coincidências. Primeiramente, nos dois textos os olhos dos personagens se abriram e eles tiveram percepções que antes não tinham. Essas percepções aconteceram após uma refeição. Enquanto Adão e Eva perceberam que estavam nus, após comer o fruto proibido, Cléofas e o outro discípulo reconheceram Jesus após comer o pão. Somente essas passagens apresentam a expressão: “Seus olhos se abriram”, seguida de um reconhecimento. Pode-se apresentar aqui também um paralelo entre

o fruto proibido (fruto proibido) e o pão (fruto da salvação) (PPGTEO UNICAP, 2021).

O referido professor também destaca uma pregação do Papa São Leão Magno no século v, na qual o então Papa faz uma comparação entre as duas narrações, ao dizer que, no momento da fração do pão, os olhos dos discípulos de Emaús se abriram e eles sentiram uma grande alegria, ao contrário de Adão e Eva que ficaram frustrados. Ele destaca também uma pintura de uma monja de Jerusalém e uma pintura no Vaticano, que ilustram os discípulos de Emaús como um homem e uma mulher (PPGTEO UNICAP, 2021).

Outro argumento interessante é o fato de Lucas apresentar alguns casais como José e Maria, Zacarias e Isabel e Simeão e Ana. Ele também multiplica em seu texto figuras masculinas e femininas como nas passagens da viúva de Sarepta e de Naamã o sírio (Lc 4,26-27), como também nas parábolas do pastor que busca a ovelha perdida e da mulher que busca a moeda perdida (Lc 15, 3-9). Outro argumento que dá mais força a essa suposição, apesar de ser na versão joanina no Evangelho é o fato de João destacar que aos pés da cruz estava Maria, mulher de Cléofas, o que dá margem para imaginar que essa mulher poderia ser o discípulo não nomeado (Jo 19,25). Assim sendo, esses argumentos apresentam interessantes reflexões sobre esse assunto (PPGTEO UNICAP, 2021).

Hoje em dia, percebe-se uma desvalorização da catequese por parte de alguns católicos, que não dão muito valor aos sacramentos da iniciação cristã e muito menos à formação religiosa dos seus filhos. Muitos catequizandos estão com o coração frio, sem motivação para ouvir os catequistas, inclusive o presbítero responsável pela paróquia, que é o primeiro catequista, assim como os discípulos em questão estavam antes de ouvir Jesus falar. A simples delegação do trabalhos a leigos a quem não é oferecida uma formação teológica adequada dificulta bastante a propagação da fé.

É preciso encontrar uma forma de fazer o coração dos catequizandos arder. Muitas crianças e pessoas em geral que fazem catequese, já passam a semana toda na escola ou faculdade, de modo que, quando chega o final de semana, o molde catequético de muitas paróquias, que também parece aulas, acaba cansando e desmotivando os catequizandos. É bem verdade que a catequese renovada, que surgiu à luz do Concílio Vaticano II, tem amenizado essa situação, todavia, algumas paróquias do Brasil têm dificuldade para se adaptar às propostas da catequese renovada, como também há resistência de alguns líderes.

Os discípulos absorveram com muito zelo a catequese anunciada por Jesus. Tanto que a catequese era vista já no tempo da Igreja primitiva como uma forma de iniciação à fé e à vida da comunidade. Naquele tempo, a vivência fraterna na comunidade, celebrada principalmente na Eucaristia, representava a maneira mais alta de traduzir na vida a mensagem de Cristo ressuscitado. Na comunidade era vivenciada a doutrina dos apóstolos, ensinadas aos mesmos pelo próprio Cristo que, aos poucos, foram sendo moldados nos símbolos da fé, nas doxologias e nas orações (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2023, p. 13).

Foi sendo formada progressivamente uma catequese prolongada e organizada, que tinha como objetivo levar os convertidos à iniciação na vida cristã. Assim, foi criado o catecumenato com seus vários graus, que preparava os candidatos à vivência na comunidade cristã, por meio da escuta da Palavra, das celebrações e do testemunho. Muitas das obras notáveis em catequese dos padres da Igreja surgiram no contexto do catecumenato (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2023, p. 14).

Assim sendo, os discípulos de Jesus, como bons catequizandos e posteriormente, como bons catequistas, introduziram progressivamente a catequese no seio da vida cristã dentro da comunidade. Animada pela fé, sustentada pela esperança, exercida pela caridade fraterna, a própria vida da comunidade fazia parte do conteúdo da catequese. Esta, por sua vez, era o instrumento a serviço de uma entrada consciente na comunidade de fé e da perseverança nela. Em outras palavras, catequese e comunidade caminhavam unidas em uma verdadeira caminhada sinodal (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Documento n.26, 2023, p. 14).

3.2.3 Aspectos Catequéticos de Emaús na Vida Eclesial Atual

Na presente perícopé, Emaús é o ápice da catequese. É o lugar no qual a catequese sai da teoria para a prática. Tudo o que Jesus explicou ao longo do caminho e que já estava despertando um ardor no coração dos discípulos, ganhou um sentido ainda mais marcante, e principalmente prático, na chegada em Emaús.

Fazendo uma comparação de Emaús com a vida eclesial atual, pode-se dizer que os discípulos de hoje são todos os catequizandos e também os catequizados que buscam sempre atualizar seus conhecimentos e sua vivência. A Emaús da atualidade, por sua vez, é a Igreja, que encontra na paróquia a sua vivência sinodal

e catequética por excelência. Contudo, ainda encontra algumas dificuldades e resistências nessa vivência, por parte de alguns de seus membros.

O projeto de Deus, anunciado no Reino pregado por Jesus, implica uma transformação radical no modo de pensar e de agir como pessoas e como sociedade. Ao passo que os discípulos vão seguindo o Cristo ressuscitado, seu espírito que habita a Igreja os inspira a ficarem mais parecidos com ele, compreendendo e atualizando em suas vidas os mandamentos da lei divina, de modo especial o amor a Deus e ao próximo e a fidelidade às orientações de vida dadas pelo Mestre no Sermão da Montanha. Por esse motivo, a conversão ao Reino é um processo nunca encerrado, tanto no âmbito pessoal, quanto no âmbito social. Afinal, se o Reino de Deus passa por realizações históricas, não se esgota nem se identifica com elas (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Documento n.26, 2023, p. 68).

Portanto, no centro da história humana se implantou, o Reino de Deus em Jesus Cristo ressuscitado. A justiça de Deus triunfou da injustiça dos homens. Da história velha do homem decaído passou-se à história nova do homem regenerado por Cristo, que, pela eficácia do Espírito, coloca os homens em comunhão e participação com a própria vida de Deus. É esta a Boa Nova que é anunciada.

3.2.4 Uso da Bíblia na Catequese

As Sagradas Escrituras são um dos pilares da fé católica, juntamente com a Sagrada Tradição. Por isso, a Bíblia sempre deve ter um destaque especial na catequese. Todavia, em tempos de secularismo e de crise espiritual, é preciso inovar no uso das Sagradas Escrituras na catequese. Para tanto, é pertinente apresentar algumas orientações de alguns autores, como Inês Broshuis, especialista em catequese e bíblia.

Em primeiro lugar, é preciso ter bem clara a mensagem que se quer transmitir, a atitude evangélica que se quer despertar. Afinal, as reflexões anteriores pretendem ajudar na descoberta da mensagem. Em seguida, levar em consideração o perfil do catequizando, se é criança, jovem ou adulto, qual sua situação de vida, sua cultura, suas experiências. O catequista deve estar atento e procurar compreender a realidade de cada um. Posteriormente, procurar os meios, isto é, as estratégias, que podem proporcionar uma melhor compreensão da mensagem. Por

fim, não pode faltar o aspecto da vivência concreta que resulta da reflexão feita em grupo (Broshuis, 2001, p. 85).

Em se tratando da aplicação da catequese bíblica relacionada ao perfil de cada catequizando, é preciso aplicar notas pedagógicas a cada perfil estabelecido anteriormente.

Com relação às crianças da primeira infância ou membros da pré-catequese, trata-se de uma formação bíblica remota. É importante que a criança se sinta segura com Deus, sinta sua presença amorosa. É pertinente experimentar o silêncio, a admiração já tão natural para ela. A criança, facilmente, chega a admirar e escutar Deus, quando existe alguém que a toma pela mão. Gosta de rezar pequenos trechos dos salmos com expressão corporal e gestos (Broshuis, 2001, p. 86).

Pode-se fazer a criança sentir a pertinência das Sagradas Escrituras por meio de uma pequena procissão, tratando a Bíblia com respeito. Aqui já se podem abordar alguns fatos da vida de Jesus; no entanto, não convém falar do Antigo Testamento ainda. Muitas vezes, são apresentadas às crianças algumas narrações do livro do Gênesis, por exemplo, justamente por serem histórias fantásticas. Todavia, a partir de tais narrações, as crianças podem fazer uma interpretação equivocada de Deus, como um Deus que castiga e quer acabar com a humanidade. Esses relatos foram escritos para adultos, com o objetivo de mostrar que a infidelidade à aliança traz suas consequências para a humanidade. Pelo fato de a criança ainda não ter maturidade, nunca se deve apresentar um Deus que castiga (Broshuis, 2001, p. 86).

Em se tratando das crianças de 8 a 11 anos, deve-se falar mais do Novo Testamento. Porém, já é possível falar algo do Antigo Testamento, tomando os devidos cuidados com a linguagem e adaptando-a a essa faixa etária. As crianças ainda não têm muita visão histórica. Por isso, pode-se tratar de certos temas sem seguir a ordem cronológica. Elas já podem ter seu Novo Testamento e aprender a manuseá-lo, fazendo, elas mesmas, suas leituras sob a orientação do catequista (Broshuis, 2001, p. 87).

Com relação aos adolescentes, eles já têm idade para apresentar uma visão geral da história da salvação. Pode-se introduzir aqui o estilo literário da Bíblia, mostrar que a Bíblia é uma verdadeira biblioteca que tem vários tipos de livros, de gêneros literários diferentes etc. Como, nessa idade, os catequizandos gostam de se identificar com pessoas que merecem sua admiração, várias personagens da Bíblia podem provocar essa admiração como: Abraão, Moisés, alguns profetas, João

Batista, Paulo de Tarso, Maria, José e, principalmente, Jesus Cristo (Broshuis, 2001, p. 88).

Por fim, em se tratando dos adultos, se aconselham os círculos bíblicos, além de uma iniciação à leitura bíblica em cursos e cursinhos. Também se pode apresentar a Bíblia como um conjunto de livros, interligados entre si, que também têm alguns textos míticos, cuja importância principal não é se aconteceu ou não como o texto fala, mas sim a mensagem que o texto transmite (Broshuis, 2001, p. 88).

Em suma, é preciso ajudar os catequizandos a descobrir o gosto de rezar com a Bíblia, escolhendo com cuidado partes de alguns salmos, como também, fazendo a *lectio divina*, transformando alguns textos bíblicos em oração para, dessa forma, vivenciar a Palavra, adaptando-a a cada faixa etária. É interessante também apresentar e trabalhar cantos inspirados na Bíblia e, a partir daí, refletir como são as experiências com a Bíblia na catequese, como também sobre o que foi bom e o que se precisa melhorar.

3.2.5 A Bíblia e a Catequese Renovada

O Documento 26 da CNBB, intitulado “Catequese Renovada: orientações e conteúdo” representou uma grande referência para catequistas de todo o Brasil. O movimento iniciado pelo referido documento foi uma legítima renovação e encontro, isto é, uma experiência de legítima sinodalidade. Quarenta anos após a promulgação do “Catequese Renovada”, muitas são as lembranças e os frutos que este documento deixou para a Igreja do Brasil.

O presente documento teve um papel fundamental para o desenvolvimento da catequese pós-conciliar em toda a Igreja no Brasil. Principalmente, em se tratando da conscientização de que a catequese não podia ser apenas uma escola de formação, mas precisava assumir seu lugar como ponto de convergência da ação evangelizadora da Igreja. Era urgente que se compreendesse que a catequese era lugar onde se reuniam os que precisavam ser iniciados na fé, onde se promovia o encontro destes iniciados com Jesus Cristo e para onde voltavam estes mesmos iniciados para buscarem o amadurecimento constante da fé. Dessa forma, ficava cada vez mais claro que a catequese estava ligada à toda a pastoral da Igreja, e não existiria fora dessa comunhão sinodal (Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética, 2022, p. 120).

A Igreja que Jesus deixou foi, antes de tudo, uma comunidade viva como a comunidade que o apóstolo Paulo define na sua carta aos Coríntios, como uma carta de Cristo, entre aos cuidados dos ministérios de cada membro. “Escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações” (2Cor 3,3). Nesta comunidade, se conservam a Palavra de Deus, os sacramentos, a vida de oração, a liturgia que vai enriquecendo aos poucos com as diversas expressões culturais e as manifestações da fé e da caridade cristã, que dão origem a diversos modelos de santidade, espiritualidade e transformações cristãs da civilização e da cultura (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2023, p. 27).

As Sagradas Escrituras ocupam um lugar de destaque na Igreja. Nas comunidades cristãs primitivas, fundadas pelos apóstolos, o Espírito Santo inspirou os escritos do Novo Testamento. A Igreja reconheceu também como inspirados, os livros do povo de Israel como Antigo Testamento. Ambos os testamentos expressam o testemunho autêntico da Revelação Divina. Reconhecendo que as Sagradas Escrituras são Palavra de Deus redigida sob a moção do Espírito Santo, a Igreja a venera e acolhe, junto com a Tradição, como suprema regra de sua fé. Tradição e Escritura devem ser consideradas como um todo, pois ambas procedem de Deus e têm como finalidade a comunhão dos homens com ele. Por isso, conservar a Tradição e a Escritura, pela vivência e pelo testemunho da fé, é tarefa dos pastores e dos fiéis. A interpretação autêntica da Tradição ou da Escritura, porém, está confiada ao Magistério da Igreja. Assim sendo, o Magistério está a serviço da Palavra de Deus: da Sagrada Tradição e das Sagradas Escrituras tira o que propõe para ser crido como divinamente revelado (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2023, p. 28).

Apesar de não ser a única fonte da Palavra de Deus, desde o Concílio Vaticano II, a Bíblia ocupa um lugar pertinente na catequese. A “Constituição Dogmática *Dei Verbum*”, do Concílio Vaticano II, fala, no nº 24, que todo roteiro catequético inclua estímulos e orientações, com vistas a uma leitura da Bíblia, de acordo com um plano adequado à idade e às condições culturais do leitor, proporcionando, dessa forma, uma leitura viva e eficaz, com acesso aos textos que ajudam a compreensão da mensagem (Concílio Vaticano II, 2000). A “Exortação apostólica *Catechesi Tradendae*”, de 1977, considerando a Tradição e a Escritura como fontes da catequese, enfatiza no nº 86 que esta deve ser guiada pelo pensamento, pelo espírito e pelas atitudes evangélicas, diante de uma proximidade

com os textos sagrados (Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética, 2022, p. 122).

Assim sendo, diante de tudo que foi exposto acima, o Documento 26 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), “Catequese Renovada”, desenvolve e aprofunda bem mais o sentido e a importância da Bíblia na catequese e passa a considerá-la o “Livro por excelência da Catequese”. Falando sobre os textos e manuais de catequese, esclarece que estes não devem substituir a leitura da Bíblia, mas orientar para ela (Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética, 2022, p. 122).

Em suma, em se tratando da formação com os catequistas, o Documento deixa claro que a missão catequética, primeiramente, é confiada a toda a comunidade; todavia, esta não pode dispensar a figura do catequista, que deve dedicar-se de modo específico à Palavra, tornando-se porta-voz da experiência cristã de toda a comunidade, tendo presente que seu objetivo principal é levar os ouvintes a fazer sua experiência pessoal com Jesus Cristo, a Palavra encarnada (Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética, 2022, p. 122).

Portanto, a leitura catequética do relato dos discípulos de Emaús apresentou uma significativa comparação com a catequese da Igreja, por meio das seguintes conexões: Jesus, como o grande catequista de Emaús; os discípulos como os catequizandos de Emaús e os aspectos catequéticos de Emaús na vida eclesial atual, o uso da Bíblia na catequese e a Bíblia e a catequese renovada. Essa analogia proporciona uma pertinente reflexão para a catequese eclesial atual, por meio de motivações e propostas à luz da experiência com o Ressuscitado, que é o grande catequista de Emaús. A seguir, será vista a leitura eucarística do presente relato.

3.3 LEITURA EUCARÍSTICA

É notória a dimensão eucarística no contexto da perícopé dos discípulos de Emaús. Afinal, eles o reconheceram ao partir o pão, como acontece em cada Eucaristia. Assim também, essa experiência com o Ressuscitado, proporcionou a Cléofas e ao outro discípulo, a possibilidade de ressuscitar a fé, que havia morrido com a frustração diante da morte de Jesus. Nesse contexto, a presente sessão, abordará os seguintes pontos: aspectos eucarísticos no relato de Emaús,

experiência com o Ressuscitado no partir do pão e o banquete de Emaús: pão da palavra, pão da Eucaristia e pão da caridade.

3.3.1 Aspectos Eucarísticos no Relato de Emaús

Com relação aos aspectos eucarísticos no relato de Emaús, pode-se comparar o relato com a liturgia da missa. Da mesma forma que a missa compreende duas grandes partes, liturgia da palavra e liturgia eucarística, o presente texto de Lc 24,13-35, também tem uma liturgia da palavra, na parte que Jesus caminha com os discípulos e explica as Escrituras, como também uma liturgia eucarística, no momento em que Jesus parte o pão com os discípulos e é reconhecido por eles.

Em se tratando da liturgia da palavra presente na perícopre, pode-se dizer que, os meios por excelência usados por Jesus para reacender a fé dos discípulos de Emaús foi a explicação das Escrituras que os levou a compreender o verdadeiro sentido das mesmas e, conseqüentemente, a uma renovação da fé, que, passando pela experiência pascal com o Ressuscitado, os levou à partilha da Eucaristia (Cantalamezza, 2020, p. 24).

Ao mesmo tempo que a Palavra da Escritura não está na celebração apenas como elemento catequético a ser compreendido, mas também como alimento de comunhão a ser recebido, é pertinente que ela seja partilhada por meio de um método que a Tradição da Igreja chama de mistagógico, isto é, de uma forma orante e como revelação afetuosa, progressiva e respeitadora do mistério que a Palavra de Deus encerra. Afinal, é por meio do próprio rito litúrgico que as pessoas são iniciadas no mistério celebrado. Para tal, se faz necessário cuidar, principalmente da simplicidade das traduções litúrgicas, com as proclamações sendo feitas de modo mais dialogal possível (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 36).

Com relação à liturgia eucarística, no Novo Testamento, o primeiro nome do rito da Eucaristia foi “Ceia do Senhor” (1Cor 11,20), como também fração ou partilha do pão (*klássis tou ártou*). Segundo a tradição cristã, foi no contexto da ceia pascal judaica que Jesus fez a ceia com seus discípulos e, provavelmente, discípulas que o acompanharam desde a Galileia (Lc 8,1-3) (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 56).

Baseado nos costumes judaicos da bênção dos alimentos (*beraká*), os textos evangélicos deixam claro que Jesus partiu o pão, pronunciou sobre ele a bênção e o

deu aos discípulos (Mt 26,26; Mc 14,22). Ao narrar este fato, o Evangelho segundo Lucas, dirigindo-se mais aos cristãos de origem grega, prefere dizer “deu graças” (*eucharistein*), no lugar de manter a linguagem hebraica: “pronunciou a bênção” (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 57).

Portanto, de toda forma, toda Eucaristia contém essa dimensão do bendizer a Deus pelo pão e pelo vinho ou de agradecer a Deus por ter dado esses alimentos. E a essa ação de graças pelo pão e pelo vinho se junta a repartição ou a partilha do pão e do vinho entre todos e todas que participam da celebração eucarística. Contemplando isso na perícopa dos discípulos de Emaús, logo se vê seus aspectos eucarísticos.

3.3.2 Experiência com o Ressuscitado no Partir do Pão

No que se refere especificamente a experiência do Ressuscitado no partir pão, pode-se dizer que este momento foi uma celebração eucarística. O texto bíblico fala que, enquanto caminhavam e conversavam, eles chegaram ao povoado de Emaús. Aproximando-se do lugar onde ficariam, Jesus deu a entender que iria adiante. Ele para somente porque um dos discípulos fala do fundo do coração: “Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina” (Lc 24,29).

“E, uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles” (Lc 24,30). A solenidade de cada gesto e a relação com os elementos da última ceia não deixam dúvidas que, para Lucas, essa parte do texto bíblico, retrata um gesto eucarístico. A partir desse momento, realmente, a Eucaristia será chamada de fração do pão, isto é, o partir do pão. “Então seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles” (Lc 24,31). Nesse contexto, não causa surpresa o fato de que, quando Jesus apareceu após a ressurreição, os discípulos não o reconheceram inicialmente. Afinal, ele não ressuscitou para trás, para a vida anterior, mas para frente, para uma nova vida. A pessoa é a mesma, mas seu estado mudou: não vive mais “segundo a carne”, mas “segundo o Espírito”. Ninguém teve dificuldade em reconhecer Lázaro ressuscitado, porque ele ressuscitou na primeira vida para viver na carne e morrer novamente. Jesus por sua vez, não se levanta e depois volta a morrer, mas ele literalmente passou para a outra margem da vida (Cantalamezza, 2020, p. 17).

Em se tratando dos discípulos de Emaús, Lucas queria relatar algo a mais, isto é, que o verdadeiro Jesus agora se encontra em seu corpo eucarístico. Com

suas aparições, Jesus preparara o seu “desaparecimento”. Desse modo, ele educa os discípulos para reconhecê-lo, com fé, na Eucaristia, que é seu novo modo de se fazer presente nos seus até os confins da terra.

O mundo mudou. As lágrimas foram interrompidas e as mulheres se puseram em marcha com o objetivo de relatar o ocorrido aos discípulos. Coisas semelhantes acontecem no dia no qual um cristão, depois de receber Jesus muitas vezes na Eucaristia, finalmente, por um dom de graça, “o reconhece” e passa de uma fé abstrata à presença real do Cristo na Eucaristia. Os dois discípulos de Emaús não estão mais intimidados pelo fato de já ser tarde. Enquanto eles foram tristes e abatidos para Emaús, após a experiência com o Ressuscitado, eles voltam felizes e apressadamente para Jerusalém. No percurso eles conversam sobre essa experiência e chegando a Jerusalém transmitem o seu testemunho aos apóstolos. O amor pela comunidade renasce e surge a intensa necessidade de reencontrar-se com os outros crentes.

Portanto, o Mestre ressuscitou e com ele a fé e a vida também ressuscitaram. Dessa forma, o testemunho não é mais uma obrigação, mas uma necessidade. Assim sendo, por meio dessa perícopé, Lucas explicou, de forma muito feliz, como a Igreja nasceu e como ela renasce a cada dia, isto é, na experiência com o Ressuscitado ao partir do pão.

3.3.3 O Banquete de Emaús: Pão da Palavra, Pão da Eucaristia e Pão da Caridade

Em todas as missas, os fiéis se alimentam de dois pães: pão da Palavra e pão da Eucaristia. Todavia, após a celebração eucarística, eles são convidados a se alimentar do pão da caridade, colocando em prática os frutos espirituais, oriundos dos pães anteriores.

Com relação ao pão da Palavra, o Concílio Vaticano II ensinou a revalorizar a Mesa da Palavra em cada Eucaristia. No decorrer dos séculos, o rito latino havia reduzido a Liturgia da Palavra a um rito apenas introdutório à celebração da missa. O Vaticano II restabeleceu a Mesa da Palavra como um evento de igual importância e tão central para a celebração da Eucaristia como a Mesa do Pão. A *Sacrosanctum Concilium* lembra no nº 56 a profunda unidade entre a liturgia da palavra e a liturgia eucarística, que ambas estão intimamente ligadas entre si, formando um só ato de culto (Concílio Vaticano II, 2000).

Todavia, essa mentalidade ainda não foi aplicada de forma prática em muitas paróquias e comunidades religiosas. Na sua “Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*”, o Papa Francisco adverte que, muitas vezes, as homilias se distanciam das Sagradas Escrituras e, assim, já não servem mais como pão para todas as mesas. Mais, ainda existe um mau costume que deve ser evitado:

A homilia não pode ser espetáculo de divertimento, não corresponde à lógica dos recursos mediáticos, mas deve dar fervor e significado à celebração. É um gênero peculiar, já que se trata de uma pregação no quadro de uma celebração litúrgica; por conseguinte, deve ser breve e evitar que se pareça com uma conferência ou uma lição. O pregador pode até ser capaz de manter vivo o interesse das pessoas por uma hora, mas assim a sua palavra torna-se mais importante que a celebração da fé. Se a homilia se prolonga demasiado, lesa duas características da celebração litúrgica: a harmonia entre as suas partes e o seu ritmo. Quando a pregação se realiza no contexto da liturgia, incorpora-se como parte da oferenda que se entrega ao Pai e como mediação da graça que Cristo derrama na celebração. Esse mesmo contexto exige que a pregação oriente a assembleia, e também o pregador, para uma comunhão com Cristo na Eucaristia, que transforme a vida. Isto requer que a palavra do pregador não ocupe um lugar excessivo, para que o Senhor brilhe mais que o ministro (Francisco, 2013).

A atual edição do Lecionário, aprovado na década de 1960, possibilitou um enriquecimento maior dos textos bíblicos. A alegria de escutar a Palavra de Deus na língua vernácula de cada país faz reviver, de alguma forma, em cada celebração, a bela experiência da vinda do Espírito Santo em Pentecostes (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 33).

Em se tratando do pão da Eucaristia, é pertinente fazer a hermenêutica da partilha do pão na perícopes dos discípulos de Emaús. Diante do pedido de Cléofas e do outro discípulo, Jesus aceita ficar com eles. “E, uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles” (Lc 24,30). Nesse instante, os olhos dos discípulos se abriram e reconheceram o Senhor. A fração do pão (Eucaristia), é sinal por excelência da presença pascal do Senhor. A experiência de Emaús, testemunho de um relato eucarístico da Igreja primitiva, mostra que a partilha da Palavra e a partilha do pão, elementos constitutivos da celebração eucarística, produzem a travessia da conversão e motivação. Uma experiência eucarística que não provoca as pessoas a levantar-se e ir ao encontro dos outros, como os discípulos de Emaús, corre o risco de ter caído no cumprimento de hábitos e, por algum motivo, perdido ou não ter ainda se encontrado com a presença pascal do Senhor na ceia eucarística (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 124).

Outro texto, também da autoria de Lucas, que pode ser associado à Eucaristia e ao relato dos discípulos de Emaús é a parábola do banquete (Lc 14,15-24). Nesse texto, os primeiros convidados respondem negativamente ao convite. Após a justificativa deles, o dono da casa ordena aos seu servo: “Vai depressa pelas praças e ruas da cidade, e introduz aqui os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos” (Lc 14,21). Essa parábola traz uma reflexão sobre as realidades nas quais se realiza o trabalho de evangelização e também como a missão determina o modo de pensar e de agir. O dono da casa toma a iniciativa de convidar as pessoas e de preparar o banquete. Tudo está marcado pela gratuidade. A ausência dos convidados não lhe tira o entusiasmo. Ao contrário, ele renova a orientação aos seus servos para irem ao encontro dos pobres, dos excluídos. E é com a presença destes que a sua casa fica cheia (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 133).

Nesse sentido, essa parábola pode ser meditada considerando o dinamismo missionário que motiva para sair ao encontro das pessoas, especialmente dos que vivem nas periferias. Ninguém pode pensar e viver um processo de evangelização preso em si mesmo ou criticando aquelas pessoas que não participam ativamente da Igreja. Nas realidades em que se vive atualmente, principalmente as urbanas, a atenção às pessoas, a escuta de sua história com as alegrias e sofrimentos, decepções e esperanças, o serviço e a solidariedade, que, de várias formas, podem-se prestar, e o convite direto a elas são passos imprescindíveis no processo evangelizador (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 133).

Nesse contexto do pão da Eucaristia, é importante mencionar também as raízes da liturgia eucarística. A liturgia da Igreja primitiva recorreu bastante aos ritos e às Escrituras do antigo Israel, como também faz a liturgia de hoje. Jesus instituiu a Eucaristia durante a festa da Páscoa. Sua Eucaristia (ação de graças) cumpriu, aperfeiçoou e transcendeu o sacrifício pascal. Essa ligação era nítida para a primeira geração de cristãos, muitos dos quais eram judeus devotos. Dessa forma, as orações da Páscoa não demoraram a fazer parte da liturgia cristã (Hahn, 2014, p. 44).

Assim sendo, o Senhor, que foi ao encontro dos discípulos de Emaús e convida a todos para o seu banquete da nova e eterna ceia, continua ordenando aos seus: “Vai depressa pelas praças e ruas da cidade” (Lc 14,21) (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 138).

Com relação ao pão da caridade, pode-se destacar o tema do XVIII Congresso Eucarístico Nacional: “Pão em todas as mesas”. A Eucaristia motiva os

fiéis que participam do mesmo e único pão da vida, a partilhar também o pão da caridade, seguindo, como exemplo, os primeiros cristãos, que não deixavam seus irmãos passarem necessidade, levando pão para todas as mesas.

A Eucaristia, sacramento configurado por Jesus Cristo, motiva a vivê-la, exigindo de nós a doação aos irmãos e irmãs que participam do mesmo e único Pão da vida. A ceia do Senhor faz dos discípulos “um só coração e uma só alma” (At 4,32). Pela vida eucarística, os cristãos são chamados a voltar ao espírito das primeiras comunidades, onde não faltava pão em nenhuma mesa e todos viviam partilhando os dons, colocando-os a serviço uns dos outros, vivendo o mandamento do amor (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 117).

O cântico “Pão em todas as mesas”, com toda certeza, fundamenta-se no *Magnificat* (Lc 1,46-55). É o cântico de Deus orientado para os homens, principalmente os mais pobres, os fracos, os indefesos, os humilhados, aqueles aos quais não se concede o direito à existência, porque são frutos da tirania do egoísmo que marginaliza muitos. O seu amor preferencial pelos pobres acha-se admiravelmente inscrito no *Magnificat* de Maria. O Deus da aliança, cantado pela Virgem de Nazaré, com exultação do seu espírito, é ao mesmo tempo aquele que derruba os poderosos dos tronos e exalta os humildes, enche de bens os famintos e despede os ricos de mãos vazias, dispersa os soberbos e conserva a sua misericórdia para com aqueles que o temem (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 119).

Logo, a Eucaristia convida a todos para saírem dos círculos viciosos, que fecham os fiéis em si mesmos, para serem sinais de comunhão, já que a eucaristia é o sacramento da unidade da Igreja. Sair da celebração eucarística sem entrar em comunhão com os outros significa permanecer cegos e surdos às lições que melhor educam e estão presentes no Pão da vida. Numa sociedade caracterizada pelo pluralismo étnico, cultural, social, político e religioso, a proposta do dom de si aos outros, que emana da Eucaristia, torna-se cada vez mais universal e gritante. Assim sendo, o pão da palavra e o pão da Eucaristia levam a viver o pão da caridade.

Em suma, a leitura eucarística da períclope dos discípulos de Emaús, quando bem compreendida, é um convite para aplicar a liturgia da palavra e a liturgia eucarística na liturgia da caridade. Para que dessa forma, a celebração eucarística permaneça presente na celebração da vida, no cotidiano de cada um, saciando a fome espiritual e material da humanidade.

3.4 SÍNTESE DA UNIDADE

Esta unidade da dissertação apresentou a hermenêutica eclesial da perícope dos discípulos de Emaús, trazendo um estudo em um âmbito mais pastoral do texto bíblico. A presente unidade apresenta uma reflexão acerca das leituras eclesial, catequética e eucarística de Lc 24,13-35.

Primeiramente, em se tratando da leitura eclesial, foi feita uma ligação da perícope dos discípulos de Emaús com a sinodalidade, que a Igreja tem refletido nos últimos tempos, especialmente por causa do sínodo sobre a sinodalidade. Um estudo pertinente e atual, que ajudará o leitor a entender melhor o tema, como também se inserir nesse âmbito sinodal.

A perseverança no caminho da unidade por meio da diversidade de culturas e lugares, das situações e dos tempos, é o desafio ao qual o povo é chamado a responder para caminhar na fidelidade ao Evangelho, lançando a sua semente na expectativa de tocar todos os povos. A sinodalidade se manifesta desde o início como garantia e encarnação da fidelidade criativa da Igreja à sua origem apostólica e a sua vocação católica. Essa se exprime em uma forma que é unitária na substância, mas que aos poucos se explicita, à luz da atestação escriturística, no desenvolvimento vivente da Tradição. Portanto, esta forma unitária conhece diversas expressões segundo os vários momentos históricos e no diálogo com as diferentes culturas e situações sociais (Comissão Teológica Internacional, 2021 p. 23). Tal estudo, possibilita motivação para que os discípulos de hoje também caminhem com Jesus na vida pastoral.

Posteriormente, foi feita a leitura catequética do relato dos discípulos de Emaús. O diálogo desenvolvido entre Jesus e os discípulos durante o caminho para Emaús, foi uma verdadeira catequese, que fez o coração dos dois arderem. Assim sendo, os catequistas devem transmitir seus conhecimentos e experiências com o coração ardendo, e, ao mesmo tempo, fazer os corações dos catequizandos também arderem.

A aceitação e o seguimento de Jesus são uma opção profundamente pessoal. Ao mesmo tempo, porque a pessoa se realiza no relacionamento e no amor, o seguimento realiza-se na comunidade fraterna. Seguir a Jesus é juntar-se fraternalmente, aos outros discípulos. Assim a fé, nascida na comunidade da Igreja, renova permanentemente a própria comunidade a partir da sua raiz profunda, a comunhão com Deus, e gera novas comunidades eclesiais. Assim, os catequistas

têm a missão de lançar a semente, por meio da catequese, para fazer o número dos discípulos aumentarem (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2023, p. 29).

Por fim, esta unidade trabalhou a leitura eucarística de Lc 24,13-35. O pão da Eucaristia alimenta a fé e a caminhada pastoral dos seguidores de Jesus. Foi isso que aconteceu com os discípulos ao repartir o pão em Emaús e é o que acontece hoje também.

Para reconhecer o Senhor, é necessário acolher a sua presença, que deseja caminhar com seus discípulos, para que sejam cativados pela experiência da partilha do pão. Esse itinerário conduz a um processo de conversão que envolve toda a existência. É a experiência paradigmática que converte seus discípulos e discípulas. Como recorda o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*:

Não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do encontro do Evangelho: 'Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma pessoa que dá a vida um novo horizonte e, dessa forma, o rumo decisivo (Francisco, 2013).

Assim sendo, a experiência com o Ressuscitado na Eucaristia possibilita abrir os olhos, a mente e o coração para reconhecê-lo e fazê-lo conhecido aos outros (XVIII Congresso Eucarístico Nacional, 2019, p. 124).

Portanto, a presente unidade desta dissertação traz um estudo importante e uma interessante comparação da perícopes dos discípulos de Emaús com a vida pastoral da Igreja, por meio das leituras eclesial, catequética e eucarística, que possibilita vivenciar atualmente a mesma experiência que Cléofas e o outro discípulo tiveram com o Ressuscitado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apontar como objetivo principal o aprofundamento e a compreensão do relato bíblico encontrado em Lc 24,13-35, no qual dois discípulos, a caminho da aldeia de Emaús, encontram-se com Jesus ressuscitado sem inicialmente reconhecê-lo. A narrativa se desenvolve de forma que, através do diálogo e da partilha do pão, seus olhos se abrem e eles finalmente percebem que estiveram na presença do Cristo ressuscitado. A abordagem hermenêutico-eclesial adotada neste estudo permitiu uma leitura que considera tanto a dimensão histórica e literária do texto quanto sua relevância para a vida e prática da Igreja contemporânea. Explorou-se como esta passagem bíblica, ao ser interpretada dentro do contexto comunitário e litúrgico, pode oferecer um aprofundamento sobre a experiência de encontro com o Ressuscitado na jornada de fé dos cristãos.

O estudo, iniciando com uma exegese detalhada do texto, aborda o exame dos aspectos linguísticos, contextuais e teológicos. Em seguida, passa-se a uma reflexão hermenêutica, onde é interpretado o significado do texto à luz das tradições e práticas eclesiais. Finalmente, são consideradas as implicações pastorais e espirituais desta perícopes, sugerindo maneiras pelas quais a Igreja pode vivenciar e anunciar a presença de Cristo ressuscitado no mundo de hoje.

A perícopes dos discípulos de Emaús convida a reconhecer que, assim como aqueles primeiros seguidores de Jesus, os cristãos também estão em uma caminhada na qual o Ressuscitado os acompanha, mesmo quando “seus olhos ainda não o veem claramente”. Este trabalho, portanto, espera contribuir para uma maior compreensão e apreciação dessa verdade fundamental, encorajando a todos a continuarem sua própria jornada de encontro com o Cristo vivo.

Com a proposta de reflexão acerca de questões importantes sobre a presente perícopes, é possível provocar uma nova hermenêutica desse relato, levando-o da teoria à prática, do conceito à experiência literal, como o que ela pode provocar na Igreja, quando se faz uma comparação da experiência dos discípulos com a vida pastoral da atualidade eclesial. Ao colocar em destaque a experiência com o Ressuscitado vivida pelos discípulos de Emaús conforme o relato lucano, esse trabalho apresenta-se como uma experiência iluminadora para a atual realidade eclesial, incentivando as comunidades paroquiais a seguirem o mesmo itinerário dos discípulos mencionados no texto, contribuindo dessa forma para que a experiência

de Emaús possa suscitar uma motivação sinodal, que contribua para o surgimento de novas práticas pastorais no discipulado e na sinodalidade da vivência eclesial.

Dividida nos cinco tópicos apresentados, a segunda unidade da dissertação trabalhou a apresentação do texto em questão: Lc 24,13-35, Jesus e os discípulos a caminho de Emaús. Nela, capítulo o 24 da presente perícopes oferece uma espécie de síntese do Evangelho segundo Lucas, apresentando a pedagogia de Jesus por meio de suas palavras e atos. Por meio da comparação e atualização dessa pedagogia, é possível perceber como a mensagem do Nazareno está presente nesse relato evangélico e como ela pode ser trazida para as comunidades paroquiais.

O trabalho com as variantes textuais, por sua vez, permite um conhecimento mais extenso dos manuscritos antigos da Bíblia. Eles apresentam uma vasta riqueza histórica, que ajudam a fazer uma melhor hermenêutica do texto bíblico. A delimitação do texto é outro elemento de grande pertinência para o estudo da presente perícopes, pois ela permite identificar com precisão onde o texto tem início e fim. O fato de trabalhar o texto na obra, em seu contexto amplo, possibilitou fazer uma ligação da referida perícopes com toda a versão lucana do Evangelho. Desse modo, as ligações entre os discípulos de Emaús e outras perícopes de Lucas podem ser percebidas, permitindo, dessa forma, uma visão ampliada e uma hermenêutica aprofundada sobre a obra lucana.

A análise narrativa das cenas da perícopes, por sua vez, proporcionou um maior conhecimento do texto bíblico em suas entrelinhas pois, com o estudo das cenas, do elenco dos personagens do relato, das anotações de tempo e lugar e da alternância entre narração e discursos diretos, foi possível a percepção do texto enquanto literatura. Também possibilitou o trabalho na estrutura da perícopes, tornando mais claras as principais ideias do autor, levando à compreensão da totalidade do texto. A análise semântica traz ao leitor um estudo das palavras-chave da perícopes. Tais palavras apresentaram uma síntese da mensagem do autor, como uma espécie de espinha dorsal do relato, introduzindo o leitor no cenário da perícopes, levando-o a entender a mensagem que Lucas quis transmitir acerca da experiência que Cléofas e o outro discípulo tiveram com o Ressuscitado a caminho de Emaús.

A terceira parte do presente trabalho apresentou como tema a hermenêutica eclesial do texto. O referido tema foi trabalhado a partir da leitura eclesial: os aspectos sinodais presentes no relato e suas implicações para a vida eclesial. Aqui, foi feita uma comparação dos aspectos sinodais do referido relato com a sinodalidade refletida pela Igreja atualmente. Posteriormente, foi a vez da leitura

catequética, que coloca em destaque a partilha feita por Jesus com os discípulos de Emaús, vista como modelo para a catequese. Nessa parte, foram refletidas orientações de alguns autores, a partir da catequese trabalhada por Jesus no presente texto. Por fim, concluiu-se essa parte com a leitura eucarística: a refeição partilhada enquanto inspiração para as celebrações eucarísticas. Aqui, foi feita uma comparação da partilha do pão feita por Jesus e os discípulos com a celebração eucarística em seu formato atual. Em outras palavras, essa apresentação hermenêutico-eclesial da perícopé dos discípulos de Emaús apresentou um estudo em um âmbito mais pastoral do texto bíblico.

Inicialmente, com relação à leitura eclesial, foi feita uma ligação dos aspectos sinodais presentes em Lc 24,13-35 com a sinodalidade, que a Igreja tem apresentado ultimamente, principalmente por causa do sínodo sobre a sinodalidade, convocado pelo Papa Francisco: um estudo importante e hodierno, que ajudará o leitor a compreender melhor o assunto abordado, como também ser introduzido nesse campo sinodal.

Permanecer firme no caminho da unidade através da pluralidade de culturas e lugares, das situações e dos tempos, é a peleja à qual as pessoas são chamadas a responder para caminhar na fidelidade ao Evangelho, lançando a sua semente na expectativa de tocar todos os povos. A sinodalidade se mostra desde o início como expressão da fidelidade criativa da Igreja à sua origem apostólica e à sua vocação católica. Em suma, ela apresenta várias expressões de acordo com os momentos históricos e no diálogo com as diferentes culturas e situações sociais. Esse estudo motiva os discípulos da atualidade para que também caminhem com Jesus na vida eclesial.

Em seguida, foi abordada a leitura catequética da perícopé em questão. O diálogo estabelecido entre Jesus e os discípulos a caminho de Emaús foi uma profunda catequese, que fez o coração dos dois arder. Dessa forma, os catequistas devem partilhar seus conhecimentos e experiências com o coração ardendo, como também, fazer o coração dos catequizando arder.

O seguimento de Jesus é uma escolha profundamente pessoal. Ele se realiza de forma fraterna na comunidade no contexto da caminhada pastoral. Seguir a Jesus é unir-se fraternalmente, aos outros discípulos. Dessa forma, a fé nascida na

comunidade da Igreja, renova permanentemente a própria comunidade a partir da sua raiz profunda, a comunhão com Deus, e gera novas comunidades eclesiais. Assim sendo, os catequistas têm a missão de lançar a semente, através da catequese, para fazer o número dos discípulos crescer.

Finalmente, essa unidade fez um estudo acerca da leitura eucarística da perícope em questão. O pão da Eucaristia alimenta a fé e a caminhada eclesial dos discípulos de Jesus. Foi isso que aconteceu com Cléofas e o outro discípulo ao repartir o pão em Emaús e é o que acontece atualmente com aqueles que fazem uma experiência com o Ressuscitado.

Para reconhecer Jesus é preciso acolher a sua presença, que deseja caminhar com seus discípulos, para que sejam cativados pela experiência da partilha do pão. Tal caminho leva a um processo de conversão que envolve toda a existência. É a experiência paradigmática que converte seus discípulos e discipulas. Desse modo, a experiência com o Ressuscitado na Eucaristia permite abrir os olhos, a mente e o coração para reconhecê-lo e fazê-lo conhecido aos demais. Nesse estudo há uma interessante comparação de Lc 24,13-35 com a vida pastoral da Igreja, através das leituras eclesial, catequética e eucarística. O que permite vivenciar atualmente a mesma experiência que Cléofas e o outro discípulo tiveram com o Ressuscitado. As preocupações dos discípulos se transformam em uma nova confiança na vida: esse é o resultado que a ressurreição de Jesus provocou neles.

Um dos fatos que mais chama a atenção nessa perícope é o ardor no coração dos dois discípulos. O encontro que Cléofas e o outro discípulo tiveram com Jesus, no caminho de Emaús, foi tão impactante para eles, que seus corações queimavam, enquanto o mestre explicava-lhes as Escrituras. Discipulado é compartilhar a vida e os discípulos a caminho de Emaús tiveram o privilégio de compartilhar a vida de Jesus, o Filho de Deus, que havia sido morto, mas que ressuscitara no terceiro dia. Nesse contexto, do ardor do coração e do discipulado, podem-se aplicar alguns atributos que fazem arder o coração do discípulo.

O primeiro atributo que faz arder o coração do discípulo é a “aproximação” (Lc 24,15). Como o próprio texto diz, no caminho para Emaús, Jesus “aproximou-se” dos discípulos. Quando Jesus é visto como o discipulador por excelência, é possível aprender muito com ele. A aproximação é um ponto-chave para o início do discipulado. É por meio da aproximação que se dá o primeiro passo para formar novos discípulos, pois expressa valorização e interesse em relação ao próximo. A exemplo de Jesus, os discipuladores precisam se aproximar dos discípulos. Nem

sempre o discípulo vai ao mestre. Por isso, o mestre, em certos momentos, precisa ir aos discípulos. Os mestres de hoje devem se aproximar dos discípulos, como Jesus fez em Emaús. Discipular é, muitas vezes, se aproximar daqueles que estão desanimados na fé, com o objetivo de ajudá-los. Jesus teve o cuidado de ir ao encontro desses discípulos que se dispersaram. Além disso, caminhou com eles, ao mesmo tempo em que os ouvia e conversava com eles. Dessa forma, Jesus “fez o coração deles arder”, porque certamente o seu coração também estava ardendo.

O segundo atributo que faz arder o coração do discípulo é o “acompanhamento”. A esse atributo pode-se relacionar o mesmo versículo apresentado no primeiro atributo (Lc 24,15). Jesus como mestre, “pôs-se a caminhar com eles”. O texto não apresenta Jesus se cansando e muito menos desistindo de caminhar com eles. Sendo assim, na perspectiva do discipulado, entende-se que cada discipulador precisa acompanhar os novos discípulos até que eles consigam perseverar na caminhada. A missão do mestre não se limita a ensinar os novos discípulos, mas também os acompanhar, ou seja, observar como estão caminhando. O trabalho de acompanhamento se dará por meio da valorização dos discípulos. Quando o discípulo se sente valorizado o seu coração “arde”, como experimentado pelos discípulos da perícopie lucana: Cléofas e o outro discípulo se sentiram valorizados por Jesus.

O terceiro atributo que faz o coração do discípulo arder é a “interação” (Lc 24,17). Interação significa comunicação entre pessoas que convivem, diálogo, trato, contato. À medida que o discipulador interage com os discípulos, vai observando e conhecendo a situação dos seus discípulos. Na interação, Jesus observou que os dois discípulos de Emaús estavam “cegos”, tristes, frustrados, desesperançados e ignorantes acerca das Sagradas Escrituras. As interações às vezes são retardadas ou minimizadas pela timidez ou procrastinação dos líderes religiosos. Todavia, é preciso tomar o exemplo do Mestre Jesus, com o olhar atento as necessidades dos discípulos. Sabe-se que é difícil interagir com quem não se identifica ou com quem não se tem empatia. Há pessoas que antipatizam com outras à primeira vista, mas as primeiras impressões podem ser modificadas ao passo que se desenvolve afeto verdadeiro e equilibrado pelo próximo. Dessa forma, se estabelece um diálogo melhor, mesmo com quem se tem pensamentos divergentes.

O quarto atributo que faz o coração do discípulo arder é o “relacionamento” (Lc 24,29). No caminho para Emaús, Jesus construiu um relacionamento com eles. Ao final, Jesus aceitou o convite e permaneceu com eles. Assim sendo, os mestres

de hoje necessitam construir bons relacionamentos com os seus discípulos, principalmente os mais novos na iniciação da fé, para ajudá-los a perseverar no bom caminho. Para desenvolver um relacionamento saudável com os discípulos, o mestre precisa cultivar a confiança, o amor, a humildade, a coerência e a boa comunicação. A confiança é a base de todo relacionamento: ninguém quer abrir o coração e muito menos contar segredos para pessoas instáveis, inseguras e mentirosas. Quando o discípulo procura o mestre para desabafar, aquele que escuta precisa ter discrição, respeito, cuidado, amor, humildade, coerência e boa comunicação. Tudo isso ajuda muito no relacionamento entre o mestre e o discípulo.

O quinto atributo que faz o coração do discípulo arder é a “comunhão” (Lc 24,30). Jesus foi convidado pelos discípulos de Emaús a fazer refeição com eles. Uma vez à mesa, participaram da ceia, na qual Jesus tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e deu a eles. Fazer comunhão é estar juntos à mesa, partilhando não só o alimento material, mas também a experiência de fé. O pouco tempo que Jesus esteve com seus discípulos foi marcante em suas vidas dada a sua maneira acolhedora manifestada na benção sobre os alimentos, na partilha do pão e no gesto de servir. Desenvolveu-se ali uma acolhida mútua, que trouxe grande valor à experiência. A comunhão entre o Mestre Jesus e seu discípulo está para além da fé nos alimentos eucaristizados. Dá-se também na adesão a seus projetos e ideais. Em outras palavras, a comunhão eucarística leva à comunhão eclesial, pastoral e social. Todavia, quando se fala em comunhão no contexto atual, um dos maiores desafios é fazer comunhão com quem pensa diferente. Em tempos de extremos, Jesus apresenta esse desafio a seus discípulos atuais. Não se pode fazer comunhão de forma isolada, fechado no seu mundo, mas é preciso buscar essa comunhão, mesmo com quem pensa diferente, buscando a unidade na pluralidade.

O sexto atributo que faz o coração do discípulo arder é a “visão” (Lc 24,16-31). O discipulador abre os olhos dos discípulos. A cegueira espiritual é algo que acontece com muitos discípulos que possuem uma fé imatura. Estes, por sua vez, chegam às comunidades eclesiais marcados por traumas, feridos por suas fraquezas humanas, porém, sedentos de Deus. É importante ressaltar que os olhos dos discípulos que estavam a caminho de Emaús abriram-se somente depois que Jesus assentou-se com eles e partiu o pão. Isso pode acontecer com todos os discipuladores. Há famílias que só decidirão seguir a Jesus, depois de “alguém partir o pão” com elas. Geralmente, a maneira do tratamento entre os mestres e os

discípulos contribuirá para que estes se aproximem ou se afastem da comunidade eclesial.

O sétimo atributo que faz o coração do discípulo arder é o “ensino das Sagradas Escrituras (Lc 24,27). Nessa passagem bíblica, fica bem claro que Jesus Cristo é o tema central das Escrituras. No caminho de Emaús, Jesus fala o que dele próprio se falava nas Sagradas Escrituras. É dever dos mestres de hoje, ensinar as Sagradas Escrituras aos discípulos da atualidade, apresentando Jesus Cristo como centro da Palavra. Esse ensino exige muito estudo por parte do discipulador. Por isso, aquele que ensina deve conhecer bem as Sagradas Escrituras, para interpretá-las e ensiná-las com segurança e precisão. Na perícopre dos discípulos de Emaús, Jesus interpretou e ensinou as Sagradas Escrituras com perfeição, começando por Moisés e passando pelos profetas, falou sobre tudo o que se dizia a respeito dele próprio.

O oitavo atributo que faz o coração do discípulo arder é o “redirecionamento” (Lc 24,33). Com a morte de Jesus e a incredulidade dos discípulos acerca de sua ressurreição, várias pessoas ficaram desorientadas, inclusive os apóstolos, que resolveram se trancar no lugar no qual estavam reunidos, por medo dos judeus. Outros dois seguidores de Jesus, também desorientados, tristes e frustrados, partiram para Emaús. Porém, depois que Cléofas e o outro discípulo estiveram pessoalmente com Jesus, no caminho de Emaús, depois que se assentaram com ele e o viram partir o pão, acreditaram na ressurreição. Essa experiência com o Ressuscitado redirecionou as suas vidas. Por isso, após esse encontro com o Mestre, eles decidiram voltar para Jerusalém. Tal experiência foi capaz de transformar as motivações dos discípulos e ressuscitar a sua fé. Os pés que fugiram para Emaús são os mesmos pés que voltaram para Jerusalém; e os corações insensatos e lentos se transformam em corações que ardem pela Palavra. Tudo isso, redirecionou a vida e a missão dos discípulos de Emaús.

O nono atributo que faz o coração do discípulo arder é a “integração”. A esse atributo pode-se relacionar o mesmo versículo apresentado no oitavo atributo (Lc 24,33). O discipulador e os discípulos precisam ser integrados ao colégio apostólico e à Igreja como um todo. Foi por meio da experiência que tiveram com Jesus que Cléofas e o outro discípulo sentiram a necessidade de retornar para Jerusalém e se reintegrar aos onze e aos que estavam com eles. Isso leva à conclusão que não se pode experimentar e viver o verdadeiro cristianismo em isolamento. Ser Igreja é

estar em comunhão com Jesus e com os demais discípulos. Não se pode ser Igreja fugindo dos problemas, mas enfrentando-os.

O décimo atributo que faz o coração do discípulo arder é a “prontidão no anúncio da ressurreição” (Lc 24,34). Assim que os discípulos perceberam e enxergaram que era Jesus quem partiu o pão com eles, na mesma hora levantaram-se e voltaram para Jerusalém, para anunciar aos apóstolos a experiência que eles tiveram com o Ressuscitado. Eles tiveram prontidão em se levantar e em prontamente anunciar a ressurreição de Jesus. A prontidão no anúncio da experiência com o Ressuscitado deve ser vivida e praticada por todos os discípulos. O discipulado provoca no coração do discípulo o ardente desejo de anunciar o Evangelho às outras pessoas. Essa foi justamente a sensação que os discípulos de Emaús sentiram e compreenderam no partir do pão (Lc 24,32).

O décimo primeiro atributo que faz o coração do discípulo arder é “testemunho da experiência com o Ressuscitado” (Lc, 24,35). Quando Cléofas e o outro discípulo voltaram para Jerusalém para se encontrar com os apóstolos e os demais discípulos, o propósito de ambos foi o testemunho da experiência que tiveram com o Ressuscitado no caminho de Emaús e no partir do pão, impactando e fortalecendo a recente comunidade cristã. Relatar aos outros a experiência do caminho, fortalece e transforma a vida de fé. Foi pelo caminho que os discípulos que seguiam para Emaús foram transformados e sentiram seus corações ardendo enquanto Jesus explicava as Escrituras. É justamente no caminho da missão que os discípulos de hoje também são chamados a testemunhar a experiência com o Ressuscitado.

Esses onze atributos revelam uma pertinente reflexão sobre a experiência vivida por esses discípulos em seu caminho “Jerusalém – Emaús – Jerusalém”: o caminho de Jerusalém para Emaús foi um caminho triste e frustrante. Porém, a partir do momento que Jesus apareceu e começou a caminhar e conversar com eles, tudo começou a mudar. O ápice dessa mudança foi em Emaús. Após os discípulos reconhecerem Jesus no partir do pão, os sentimentos mudaram drasticamente. Logo em seguida, eles tomaram a decisão de fazer o caminho inverso, voltar para Jerusalém. Todavia, o caminho da volta é diferente. Aqueles sentimentos de tristeza e frustração se transformaram em alegria e esperança. Eles tinham pressa para partilhar com os apóstolos e os outros discípulos a experiência que fizeram com o Ressuscitado.

Ao concluir esta dissertação de mestrado, abrange-se em sua relevância para a vida acadêmica e eclesial, os âmbitos bíblico e pastoral. Através do trabalho de exegese e hermenêutica presentes no texto, é possível evidenciar a complexidade e a profundidade da narrativa dos discípulos de Emaús. Este estudo destaca como a vida dos discípulos de Jesus pode alternar entre momentos de tristeza e frustração, semelhantes ao percurso de Jerusalém para Emaús, e momentos de alegria e esperança, como no retorno de Emaús para Jerusalém. No entanto, é a experiência transformadora com o Cristo ressuscitado que proporciona uma vida nova, tanto para os discípulos de ontem quanto para os de hoje. Ao analisar os atributos estabelecidos no contato entre o mestre e os discípulos, nota-se a importância do contato, do diálogo, do reconhecimento e da partilha, símbolos da comunhão e da revelação plena do Ressuscitado, oferecendo um modelo de encontro eclesial que transcende o tempo.

A dissertação sublinha a importância da experiência pastoral na atualidade, que exige um comprometimento genuíno com a mensagem do Evangelho nas suas dimensões religiosa, social e comunitária. A hermenêutica eclesial proposta aqui não é apenas uma reflexão teórica, mas uma chamada à ação concreta. Encoraja a Igreja contemporânea a reconhecer a presença do Ressuscitado na vida cotidiana, promovendo uma vivência da fé que responda aos desafios atuais com esperança e renovação. Assim, esta dissertação se propõe a contribuir para uma compreensão mais profunda das dinâmicas da fé e da caminhada cristã, bem como oferecer pontos de discussão sobre e para a prática pastoral. No estudo da perícopa dos discípulos de Emaús, surge o convite a vivenciar uma fé que, mesmo diante das adversidades, identifica, no encontro com Cristo ressuscitado, a força e a inspiração para seguir adiante, transformando a vida e as comunidades de fé.

REFERÊNCIAS

- BARREIRO, Álvaro. **O itinerário da fé pascal**. São Paulo: Loyola, 2001.
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. edição.rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2016.
- BÖSEN, Willibald. **Ressuscitado segundo as Escrituras: fundamentos bíblicos da fé pascal**. São Paulo: Paulinas, 2015.
- BROSHUIS, Inês. **A Bíblia na catequese**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- BROWN, Raymond Edward. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CANTALAMESSA, Raniero. **De Jerusalém a Emaús e a volta**. São Paulo: Ave-Maria, 2020.
- CASALEGNO, Alberto. **Lucas a caminho com Jesus missionário: introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia**. São Paulo: Loyola, 2003.
- COMISSÃO EPISCOPAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. **A catequese no Brasil: memórias, celebração e perspectivas**. Brasília: CNBB, 2022.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **A sinodalidade na vida e na missão da Igreja**. Brasília: CNBB, 2021.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Dei Verbum*: sobre a revelação divina**. Petrópolis: Vozes, 2000a.
- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*: sobre a sagrada liturgia**. Petrópolis: Vozes, 2000b.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Catequese renovada: orientações e conteúdo**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2023.
- ESTATÍSTICAS SOCIAIS. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Agência de Notícias IBGE, 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao> Acesso: 01 fev. 2024.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

GIRAUDO, Cesare. Eucaristia. *In*: PENNA, Romano, PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco (Eds.). **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. São Paulo: Loyola; Paulus; Paulinas, 2022, p. 522.

GIUNTOLI, Federico. O Novo Testamento. *In*: PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco (Eds.). **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. São Paulo: Loyola; Paulus; Paulinas, 2022, p. 556.

HAHN, Scott. **O Banquete do cordeiro**: a missa segundo um convertido. São Paulo: Cléofas; Loyola, 2014.

JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica Catequese Tradendae, nº 86**. *In*: Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética, 2022, p. 122.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Exegese bíblica**: teoria e prática. São Paulo: Paulinas, 2014.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. **Léxico grego-português do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2021.

MAGGIONI, Bruno. Ressurreição. *In* PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco (Eds.). **Dicionário de temas teológicos da bíblia**. São Paulo: Edições Loyola, Paulus, Paulinas, 2022, p. 1258.

MALZONI, Cláudio Vianney. A hermenêutica bíblica: entre a hermenêutica do texto e a hermenêutica do ser. **Revista Dominicana de Teologia**. São Paulo, 2008, p. 23, 24 e 29.

MANICARDI, Ermenegildo. O anúncio no Evangelho segundo Lucas e nos Atos dos Apóstolos. *In* PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco (editores). **Dicionário de temas teológicos da bíblia**. São Paulo: Edições Loyola; Paulus; Paulinas, 2022, p.103.

MARGUERAT, Daniel. **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2015.

MARTIN, Ralph. **Igreja em crise**: caminhos possíveis. Campinas: Ecclesie, 2020.

MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1984.

MENDONZA-ÁLVAREZ, Carlos. **A ressurreição como antecipação messiânica, luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes**. Petrópolis: Vozes, 2019.

OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PASSOS, João Décio; SUESS, Paulo (Org.). **Caminhos da sinodalidade: pressupostos, desafios e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2023.

PPGTEO UNICAP. **Diálogos além-fronteiras: os discípulos a caminho de Emaús**. Youtube, 19 de outubro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/live/IgV_oBQcVjY?si=Rh0dEFJII6AD4Y54. Acesso em: 21 mai. 2024.

SGARBOSSA, Mario; GIOVANNINI, Luigi. **Um santo para cada dia**. São Paulo: Paulinas, 1983.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Leia a Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 2007.

VITÓRIO, Jaldemir. **Análise narrativa da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2016.

VOCAÇÃO, 2023, p. 6

WILLIAMS, Derek (Eds.). **Dicionário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

XVIII CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL. **Texto Base**. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2019.